

Com *Antígona Gelada* Armando Nascimento Rosa coloca-nos perante uma distopia do futuro. Trata-se do extremo de um caminho iniciado pelo imaginário utópico associado à ficção científica, como produto de um tempo de optimismo e de orgulho do homem frente à máquina e à tecnologia, crente nas potencialidades que a sua criação e desenvolvimento prometeriam para um futuro de domínio do universo e de absoluta planificação da vida humana, como sinónimo de prosperidade desta, sem sobressaltos nem contratempos. Dessa utopia do futuro facilmente decorreu uma paisagem de superfície de aparente infalibilidade, para nela se descortinar, a um nível mais profundo, a crítica e o amargo desencanto de uma Humanidade encapsulada na prisão das suas próprias construções, empobrecida e dissociada da Natureza, da verdadeira fonte de vida, cujas leis abarcam o brotar da vida, o envelhecimento e a morte, sem receios nem cosméticas.

Maria do Céu Fialho
Coordenadora do Centro

Fluir Perene

www.fluirperene.com

Apoios:



ARMANDO NASCIMENTO ROSA

ANTÍGONA GELADA

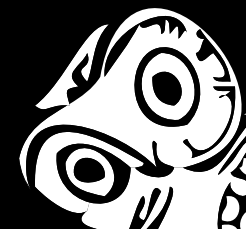
Antígona Gelada

ARMANDO NASCIMENTO ROSA



Colecção
Fluir Perene

PREFÁCIO
MARIA DO CÉU FIALHO



Armando Nascimento Rosa

Antígona Gelada

Colecção

Fluir Perene - nº 8



AUTOR: ARMANDO NASCIMENTO ROSA

TÍTULO: ANTÍGONA GELADA

EDITOR: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

EDIÇÃO: 1ª / 2008

© do autor (Armando Nascimento Rosa) e CENDREV

CONCEPÇÃO GRÁFICA: FLUIR PERENE

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: DESIGN MILIDEIAS SOBRE FOTO DE PAULO NUNO SILVA
(MARIA MARRAFA NA PERSONAGEM DE ANTÍGONA, CENDREV, 2008)

TIRAGEM: 200 EXEMPLARES

APOIOS:

FLUIR PERENE

UI&D – CECH/POCI 2010

CENDREV

IMPRESSÃO E PAGINAÇÃO:

SIMÕES & LINHARES, LDA.

AV. FERNANDO NAMORA, N.º 83 - LOJA 4

TEL.: 239 084 200 | FAX: 239 082 199

3030-185 COIMBRA

PEDIDOS: CENDREV E ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS (APEC)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-95751-9-6

DEPÓSITO LEGAL: 286 601/08

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
NOTA DE ABERTURA	17
1.º ACTO	27
2.º ACTO	86

Prefácio

Com *Antígona Gelada* Armando Nascimento Rosa coloca-nos perante uma distopia do futuro. Trata-se do extremo de um caminho iniciado pelo imaginário utópico associado à ficção científica, como produto de um tempo de optimismo e de orgulho do homem frente à máquina e à tecnologia, crente nas potencialidades que a sua criação e desenvolvimento prometeriam para um futuro de domínio do universo e de absoluta planificação da vida humana, como sinónimo de prosperidade desta, sem sobressaltos nem contratempos. Dessa utopia do futuro facilmente decorreu uma paisagem de superfície de aparente infalibilidade, para nela se descortinar, a um nível mais profundo, a crítica e o amargo desencanto de uma Humanidade encapsulada na prisão das suas próprias construções, empobrecida e dissociada da Natureza, da verdadeira fonte de vida, cujas leis abarcam o brotar da vida, o envelhecimento e a morte, sem receios nem cosméticas.

A falsa utopia de Aldous Huxley, em *Brave New World*, constitui a genial expressão da desilusão do homem, tornado escravo de si mesmo, da sua *techne*, domado pela construção de um progresso despersonalizado que lhe sai das mãos e o esvazia e estrangula, sob a forma do pesadelo da máquina tornada autónoma, tiranizadora do seu criador, capaz de construir, também ela, eficazes teias de ilusão. A sua derrocada deixa ainda uma abertura para o resgatar do homem, ainda que para um velho mundo de escombros, como um desafio para o recomeço, a partir da redescoberta da Natureza, incluindo a da sua própria dimensão natural, banhada por uma luz do Sol que ilumina nascimento, esplendor da

juventude, normalidade do envelhecimento e da morte – um mundo em que, ainda assim, por entre os escombros, é possível conhecer, muito para além da fruição do outro como objecto de prazer, os laços do afecto, da amizade e do amor, é possível perceber a beleza do que não é construído artificialmente, na surpresa do raio de luz que banha a paisagem, do canto do pássaro ou da proximidade companheira de outros seres vivos, fora de um ambiente asséptico e isolado.

Não me detendo na projecção distópica do que representa o mundo dos porcos em *Animal Farm*, de Orwell, como a ameaça do futuro para que tende a sociedade humana, progressivamente desumanizada por regimes autoritários (e tendo em conta que esse autoritarismo transcende, em muito, o dos meros aparelhos governamentais), lembro apenas que o escritor recorre a uma ancestral estratégia criativa já utilizada pela comédia grega. Dela é exemplo chegado até nós *As Aves* de Aristófanes. Neste último, a projecção da realidade humana para um universo imaginado de aves pensantes e falantes constitui uma crítica à sociedade do seu tempo, já que até esse universo plumado tem regras de comportamento mais humanas que as dos humanos.

Nascimento Rosa rende a sua homenagem a Philip K. Dick, assumidamente, quer no texto que precede *Antígona Gelada*, quer na própria peça, criando nela um jogo intertextual em que a dimensão ficcional se esbate, por opção dramatúrgica. A força de novelas como *Blade Runner*¹ é poderosíssima, coadjuvada, pela sua excepcional adaptação cinematográfica, da autoria de Ridley Scott. Dela se sente a presença nesta nova versão de *Antígona*.

¹ De seu título original: *Do Androids Dream of Electric Sheep?*

A chuva incessante, que corresponde à total ausência da luz solar e envolve o homem numa quase-noite contínua, torna mais caótica e inabitável a cidade, nos seus labirintos de espaços e de gentes de um futuro que nos espera. É gritante, na visão cinematográfica, a disfuncionalidade de espaços, sobretudo de interior, do espaço da casa, primeiro núcleo da habitabilidade de mundo. No espaço exterior, à chuva, movem-se seres que põem em causa a fronteira entre o humano e o monstruoso. Serão, ainda, homens? E a beleza humana, aquela que deu forma aos antigos cânones da sua representação? Ela habita, insuspeitada, na novela e no filme, em *robots* criados pelo homem, *robots* que tomam consciência da sua superioridade frente a um ser tornado, cada vez mais, inferior à sua criação – como uma espécie de relação Deus-Adão de sinal contrário. O homem desumanizado e a máquina humanizada, ou quase-humana, herdeira de um feroz instinto de sobrevivência, confrontam-se: aquele para exterminar o fruto da sua criação laboratorial que agora ameaça ultrapassá-lo e autonomizar-se, pondo-o em perigo; esta porque tomou consciência da sua quase-perfeição, porque aprendeu a gostar de existir e se recusa a que lhe seja tirada a sua forma de vida, gratuitamente, por quem a concebeu e lha deu. Criada a segunda à imagem do primeiro, herda-lhe a frieza implacável com que aquele é capaz de actuar. Ambos se confundem e é difícil destrinçar arquétipo e cópia, pois as fronteiras diluíram-se.

A morte do último dos andróides, após um sanguinário complexo de perseguições e contra-ataques constitui uma das mais belas cenas do filme de R. Scott, como hino à beleza do corpo e nostalgia da vida, na pomba que parte. A fímbria de esperança está posta na força do amor entre o polícia perseguidor e a andróide sobrevivente ao seu próprio

fim previsto. Resta a pergunta final, decorrente da cena final, num dia de sol: poderá o amor humanizar algum dia a máquina a ponto de vir a ser superada a diferença entre criador e mecanismo criado? Será essa a esperança que resta para uma Humanidade empobrecida? Constituirá a plenitude amorosa, capaz de humanizar o não-humano e impedir que o humano se desumanize, a fimbria de esperança que resta, a partir de um momento vivido sem certezas da sua duração, intenso, fugaz? E que virá depois? Permanecerá ainda o milagre da vida e sobreviverá, a partir de uma centelha, a capacidade de o homem criar laços, mesmo sobre todos os totalitarismos que da euforia tecnocrática nasceram?

Esta é a inquietante questão que anima, também, a presente peça de Nascimento Rosa. *Antígona Gelada* não está na senda do filão mais comum da recepção do arquétipo sofocliano – o da peça de resistência em que, frequentemente, o perfil da protagonista assume laivos do da mártir dessa resistência. Também não parece o autor ter sido sensível à leitura hegeliana do impasse de valores em conflito. Esta Antígona é, antes de mais, como no contexto da peça de Anouilh ou de *Perdição*, de Hélia Correia, alguém que sente a milenar tradição mitológica como o peso do seu próprio destino e a converte em parente da morte, alguém que vive, já, para o Hades. A acção, atirada para um remoto futuro, passa-se, como não podia deixar de ser, em Tebas – Tebas 9 – estação espacial de um satélite de Plutão, expressivamente chamado Caronte. É sob o signo da morte, pois, que esse futuro se nos abre, profundamente marcado pelo imaginário da ficção científica de carácter distópico.

Como é típico da escrita do dramaturgo, o mito conhece uma multiplicidade de aspectos novos que nele entram e que obrigam o

espectador a deslocar-se, nessa floresta de símbolos, em busca do sentido da inovação na releitura da ancestral narrativa que do arquétipo apenas mantém os traços essenciais que permitam reconhecer o mito como tal. Todavia, sob a superfície daqueles, pouco a pouco se vai redescobrimo a presença de velhos conflitos e tensões, das eternas interrogações que o mito foi deixando, na história da sua recepção, e que à presença das novas e óbvias tensões se vem juntar, unindo em arco passado a futuro, numa Tebas desconcertante, que é o universo das nossas contradições projectadas e ampliadas, *ad absurdum*, para o fim dos tempos.

O poder de Creonte é antecipado e a morte de Polinices e Etéocles não foi mútua, privados assim os dois irmãos da estreita ligação a Édipo e a um destino ditado pela maldição paterna e pela sua própria culpa trágica. Foram mortes desencontradas – a de Etéocles foi quase o suicídio de quem se lança, em vez do alvo, nas mãos do irmão, a de Polinices por acção da guarda de Creonte, no seu atentado falhado.

Tudo é fluido na natureza humana, já sem identidade, por via do seu próprio ‘progresso’, como num sonho cujas fronteiras se esbatem com o real e nessa fluidez, tudo parece ficar sujeito a um processo de duplicação, desde o início. Os dois guardas mutantes observam o sono agitado de Antígona e os fantasmas que nele entram – um deles o próprio Polinices, que a vai possuindo, numa dimensão oniricamente freudiana. E é essa ligação entre ambos que parece projectar-se, duplicada, na de Polinices e Hémon, como se o irmão e o noivo do mito clássico constituíssem faces diversas de uma relação com a jovem – ambivalência a que Nascimento Rosa dá o carácter de ligação homossexual entre o filho e o sobrinho de Creonte. Nessa mesma

ambivalência parecem equivaler-se o atentado de Polinices contra Creonte e o confronto de Hémon com o tirano, seu pai. E, todavia, nesta duplicidade especular de identidades todo o sistema está, ironicamente, aparelhado de detectores de identidade. Como detectar, então, a de um Tirésias, transexual, tal como no mito antigo?

O teor do édito não é o da proibição de sepultura, mas de preservação do ADN de Polinices, transmitida no contexto de um discurso tipificado do tirano auto-apresentado como vítima que a boa fortuna salvou para gáudio e serviço dos cidadãos, tal como Hitler, após o atentado falhado. Como pode Antígona transgredir o édito, fiel à transgressão, no mito, perpretando, por duas vezes, exéquias que não leva ao fim? Nascimento Rosa concebe a ficção de uma gravidez por clonagem, mediante a corrupção do sistema e a convivência de uma Jocasta 2, que mais não é que a sombra do arquétipo desbotado da própria Jocasta – uma sombra mais viva que o original. Antígona, todavia, ficcionaliza uma gravidez que não pode alcançar. Neste plano de Antígona sente-se a nostalgia da união edipiana, devassada por uma outra duplicidade, a da violação, na infância, por Creonte, apagada da sua memória e convertida na relação incestuosa cultivada com Ismena.

Assim trata Nascimento Rosa a oposição entre as duas filhas de Édipo, para converter Ismena na sucessora do poder de Creonte. Nela se vê crescer, no final da peça, a semente de um novo poder tirânico, a repetir, a perpetuar, enquanto Antígona, dominada pelo cansaço de si mesma, desiste da vida. A cápsula de congelamento corresponde ao emparedamento, agora voluntário, da protagonista, associado ao suicídio.

É notória, na peça, a existência de motivos recorrentes como o do exílio, da artificialidade do ar respirado, da ausência de sol. A grande cápsula que constitui a estação espacial em Caronte aparenta ser como uma espécie de grande gruta em que o homem se auto-emparedou, esquecido de si mesmo, nas memórias apagadas, duplicado em sombras do artificialismo em que desmembrou a sua própria vida – têm mais vida as sombras, como o clone Jocasta 2, que a criatura real Jocasta, alheada, esquecida, desgastada ao sabor de quem se aproveita da desistência de se ser humano – Creonte, o espelho da tirania.

Que pretende Nascimento Rosa com a original introdução da Esfinge na genealogia de Édipo? O destino de Édipo é, em parte, feito pela própria Esfinge. O enigma da Esfinge é o homem, é Édipo, que o decifrou, sem saber decifrar-se a si mesmo. Serão seus filhos, descendentes da Esfinge, uma espécie de geração perdida, os potenciais monstros que se não descortinam *sub specie hominis*, como a crisálida que todo o homem constitui em relação ao que pode vir a ser de distorção do humano? Por isso Antígona, ao saber do seu segredo, prefere não preservar a sua vida em estado latente, mas parar o processo, por congelamento mortífero.

Que resta, então, da grandeza dos mitos antigos e do homem de que nos falamos? O tempo (nosso) projectado para esse futuro de ficção desumanizante, de absoluta fusão entre o homem, a sua sombra, o seu desdobramento, dados num apagamento da memória – que é o apagamento da memória a que a pós-modernidade, na sua expressão de crise hodierna dá chancela – é o tempo sem espaço para a densidade do mito, porque a densidade do homem se perdeu. Que pode este projectar e condensar de si nas histórias que conta e em que outrora

tentou compreender-se? Antígona morre, como no mito antigo, mas por razões outras (acto 2, cena 36):

Estou farta de mim. Somos uma droga mortal para nós mesmos. Cansei-me de viver em Caronte. E não há outros lugares que me seduzam na prisão da vida.

Édipo flutua, latente de vida, à espera de um descongelamento futuro – haverá, ainda assim, uma réstea de esperança para a revitalização do próprio homem na revitalização possível, mas tão pouco provável, do próprio mito?...

Por isso Creonte denuncia, no final da peça, num dos vários momentos que, ao longo desta criam um discurso metadramático, na quebra de ilusão cénica, a dimensão de farsa, que espreita e se virá a sobrepor ao que já foi tragédia. É que, para além da teia de duplicações, metamorfoses e cisões que enreda as personagens da peça, esta, no seu todo, e o mito que por ela passa constituem “imitações baratas de outra gente antes de nós” (acto 2, cena 41).

CREONTE: Laboram todos no mesmo erro. Mas vou ser piedoso convosco. Abro-vos os olhos para contemplarem o vazio. De facto, nenhum de vós existe. Não somos mais que o passatempo virtual de um engenheiro cibernético, em noites de insónia. Nunca se perguntaram pela razão dos nossos nomes e dos nossos enredos? Somos todos imitações baratas de outra gente antes de nós. Já houve outros Tirésias e outras Antígonas, outras Ismenas e outros Creontes, a viverem farsas e tragédias parecidas com as nossas, noutros cenários e roupagens. A

nossa vida não é original. É uma cópia tardia. Fazemos parte de um jogo programado. Antígona morre sempre no fim. Eu preciso que me odeiem para ser Creonte. Tirésias é um sábio indeciso, que muda de sexo como quem muda de peúgas. Hémon e Ismena, lamento dizê-lo, são figuras secundárias. Alguém inventa a nossa vida *online* e diverte-se a jogar à bola com os nossos neurónios. Gostamos de jogos virtuais e desconhecemos que somos o jogo de outros que nos manipulam. Vocês são uns parolos. Levam a sério a ficção que interpretam.

Já não há sinais de vida em Antígona – e o homem do futuro, mantê-los-á? Ou deixará que o seu destino à deriva, como a ciência de Tirésias ou a memória apagada e artificialmente fabricada das personagens, sirva apenas a manifestação da prepotência, o poder ditatorial dos sistemas ou da máquina, se por detrás do ditador se revelar a entidade despersonalizada de uma outra “máquina infernal”, anónima, arbitrária, a comandar a vida humana, à qual escapou, há muito, das mãos?

Maria do Céu Fialho

Coimbra, 20 de Novembro de 2008

NOTA DE ABERTURA

É próprio do teatro voltar a contar histórias conhecidas, reinventando-as de novo para as fazer falar acerca de um imaginário presente que nos é comum.

Antígona Gelada traz à cena uma nova visão em acção dessa trágica filha de Édipo que constitui, a partir da Modernidade, a mais icónica das figuras do teatro grego antigo, no que à dimensão ética diz respeito.

Imaginei o drama de Antígona alhares numa sociedade futura, que fosse capaz de projectar suposições e fantasmas de hoje, de modo a sentirmo-nos, em simultâneo, distantes e cúmplices, face ao que a ficção da cena nos devolve de nós mesmos.

O lugar continua a ser a Tebas da narrativa mítica e dramaturgica, mas já não a que Sófocles recriou em espelho transfigurado para a sua Atenas do séc. V a.C. Trata-se agora de Tebas 9, uma colónia espacial remota situada em Caronte, satélite que orbita em torno de Plutão (um astro despromovido que era até há bem pouco tempo o nono e mais gélido dos planetas do sistema solar, mas deixou entretanto de ser considerado planeta pela comunidade científica). A acção decorre nesse futuro incerto, em que a humanidade vive e subsiste fora da Terra onde nasceu. Um cenário que nos é familiar pela ficção científica e no qual a fábula mitopoética e política de Antígona volta de súbito a acontecer. Como dirá Polinices, no diálogo mantido quando Antígona sonha com ele: «Imagina no passado pessoas com os nossos nomes que vivessem dramas idênticos aos nossos, mas a memória delas perdeu-se e

por isso repetimos os seus erros. E mesmo se nos lembrássemos, talvez tudo acontecesse de novo e diferente outra vez.»

Outrora, a Antígona sofocliana prestava o culto fúnebre do enterramento ritual, que a lei da cidade interditou, ao cadáver de Polinices, o irmão morto em batalha, caído em desgraça por se opor ao tirano Creonte. Nesta peça, Polinices protagonizou um atentado falhado contra a vida de Creonte. Matou em vez dele o seu irmão Étéocles, que escudou o dirigente de Tebas 9, e Polinices é morto de imediato pelos guarda-costas de Creonte. O representante máximo do poder em Tebas 9 ordena que o cadáver de Polinices seja destruído, para que o seu património genético seja irrecuperável, num tempo em que a clonagem humana é uma prática comum. Mas Antígona deseja transgredir essa deliberação, procedendo a uma colheita de tecidos do corpo do irmão. Esta militar de carreira pretende gerar em si um clone de Polinices.

É este o ponto de partida para uma *Antígona* transgénica, como lhe chama o engenheiro genético Tirésias, nas palavras com que abre o espectáculo. Os enredos conhecidos *a priori* foram modificados: Jocasta foi clonada, e existem em cena duas mulheres com o seu nome; Édipo não se cegou mas, em vez disso, hiberna por vontade própria; Hémon é um *performer*, viúvo de Polinices; Creonte esconde um crime ignóbil; Ismena é amante do tio e dirige o mais poderoso império mediático de Tebas 9; a Esfinge foi uma cobaia híbrida, concebida nos laboratórios do Ministério da Defesa, no intuito de criar o soldado ideal. Será Antígona também ela uma mutante, bisneta da Esfinge, como lhe assegura a demência lúcida de Crisipo?

Nesta peça que homenageia discretamente Philip K. Dick - no ano em que ele faria 80 anos se fosse vivo -, a tragédia grega antiga, de

que somos herdeiros perenes, cruza-se com uma ficção científica cujos terrores são nossos contemporâneos.

A encerrar esta nota de abertura, quero deixar uma palavra de gratidão amiga dirigida aos helenistas do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Maria de Fátima Sousa e Silva e Delfim Leão, pelo entusiasmo e interesse com que acolheram esta minha *Antígona Gelada*, e em especial para Maria do Céu Fialho que prefaciou e impulsionou esta primeira edição em livro, bem como para José Ribeiro Ferreira que tornou possível a publicação da peça no momento da sua estreia cénica² pelo Cendrev - Centro Dramático de Évora, com encenação de João Mota.

Lisboa/Évora, Novembro de 2008

² Os excertos de texto que surgem na presente edição entre parêntesis rectos correspondem a passagens que foram suprimidas, por motivos de agilização dramática, para a versão cénica de estreia. As variantes pontuais da versão cénica aparecem, por sua vez, assinaladas em notas de rodapé.

«THE ELDERS: (...)

Oh, violence is in need of a miracle
and gentleness is in need of a little wisdom.»

Sophocles' Antigone,

In a version by Bertolt Brecht (1948),

Based on the German translation by Friedrich Hölderlin (1804),

Translated into English by Judith Malina (1966)

«Radio signals are boosted by a transmitter; they pass through the various components, modified and augmented, their contours changed, noise eliminated and rejected... we are extensions, like those metal arms that pick up radioactive objects for scientists. We are gloves that God puts on in order to move things here and there as He wishes. For some reason He prefers to handle reality this way (I will not budge but will defend that pun).

We are suits of clothing that He creates, puts on and uses, and finally discards. We are suits of armor, too, which gives misleading impression to certain other butterflies within certain other suits of armor. Within the armor is the butterfly, and within the butterfly is – the signal from another star.»

Philip K. Dick, *Man, Android, and Machine* (1976)

«OS ANCIÃOS: (...)»

Ó, a violência está necessitada de um milagre
e a gentileza precisa de um pouco de sabedoria.»

Antígona de Sófocles

numa versão de Bertolt Brecht (1948),
baseada na tradução alemã de Friedrich Hölderlin (1804),
traduzida para inglês por Judith Malina (1966)

«Sinais de rádio são intensificados por um transmissor; eles passam através dos diversos componentes, modificados e ampliados, as suas curvas alteradas, o ruído eliminado e rejeitado... nós somos extensões, como aqueles braços de metal usados pelos cientistas para manipular objectos radioactivos. Somos luvas que Deus calça de modo a movimentar coisas aqui e acolá conforme Ele deseja. Por alguma razão Ele prefere lidar com a realidade deste modo (não vou contestar mas sim defender tal jogo de palavras).

Nós somos peças de roupa que Ele cria, que veste e usa, e das quais finalmente se descarta. Somos também peças de camuflagem, que fornecem impressões enganadoras a determinadas outras borboletas que envergam outras armaduras de camuflagem. No interior da armadura, está a borboleta, e no interior da borboleta está – o sinal de uma outra estrela.»

Philip K. Dick, *O Homem, o Andróide, e a Máquina* (1976)

Personagens

Mutantes Mortos: Fantasmas de soldados de Tebas 9

Polinices: irmão de Antígona, morto num atentado falhado contra Creonte

Antígona: militar de carreira em Tebas 9

Hémon: filho de Creonte e de Eurídice, *performer* no Sileno Bar

Creonte: Chefe maior da estação espacial Tebas 9, em Caronte

Ismena: irmã de Antígona, directora de informação e imagem

Jocasta2: clone de Jocasta, técnica de hibernação humana

Tirésias: engenheiro genético transexual, que já foi Eurídice

Jocasta: mãe e ex-mulher de Édipo, antiga primeira dama de Tebas 9

Crisipo: mutante, filho da Esfinge, companheiro de Jocasta

Meteco: guarda do Instituto de Hibernação de Tebas 9

Dois Guardas

A acção de Antígona Gelada decorre na colónia espacial de Tebas 9, em Caronte, o maior dos satélites naturais de Plutão, numa fábula cujo tempo dramático se situa algures no futuro.

É aconselhável que a peça seja interpretada por um número mínimo de oito actores, se exceptuarmos desta soma os Dois Guardas: actor 1 – Tirésias; actriz 1 – Antígona; actor 2 – Polinices; actor 3 – Hémon; actor 4 – Creonte; actriz 2 - Jocasta 1 e Jocasta; actriz 3 - Ismena; actor 5 - Crisipo e Meteco.

Antígona Gelada tem uma antestreia a 3 de Dezembro de 2008, na sala principal do Teatro Municipal Garcia de Resende, em Évora, como espectáculo de abertura do 6º Encontro de Teatro Ibérico, constituindo a 163ª produção do CENDREV (Centro Dramático de Évora), estreando depois em Lisboa na sala maior do Teatro da Comuna, em 11 de Dezembro de 2008 (até 21/12); após o que se apresenta de novo em Évora, a partir de 8 de Janeiro de 2009, no mesmo palco da sua antestreia (até 01/02/2009).

Encenação: João Mota

Dramaturgia: Armando Nascimento Rosa e João Mota

Interpretação:

TIRÉSIAS: Victor Zambujo

ANTÍGONA: Maria Marrafa

POLINICES: Jorge Baião

HÉMON: Rui Neto

CREONTE: José Russo

JOCASTA2 e JOCASTA: Rosário Gonzaga

ISMENA: Ana Meira

CRISIPO e METECO: Álvaro Corte Real

Cenografia e Figurinos: Sara Machado da Graça

Máscaras: Cecília Sousa

Iluminação: António Rebocho e João Mota

Sonoplastia: Hugo Franco

Direcção de construção do cenário: Tomé Baixinho

1º ACTO

CENA 1

TIRÉSIAS: Esta história já foi contada muitas vezes. Mas nunca como hoje. É uma fábula que arranjei para me distrair da cegueira. A minha mãe pôs-me o nome de Tirésias porque nasci cego. Mas não sou adivinho. Ela era professora de línguas mortas. E adorava ler-me em voz alta os mitos gregos. Quando se cansava deles, alterava-os. Tudo se tornava imprevisível. Deixava-me sem fôlego. Aprendi com ela a fazer o mesmo. Não esperem aqui pelos enredos do costume. Estão bastante modificados. Sou engenheiro genético. Esta é uma Antígona transgénica. Gosto de fabricar monstros. Híbridos reconhecíveis. E o primeiro monstro em que apliquei as pesquisas fui eu mesmo. Enxertei células de mocho e de morcego nos meus olhos cegos, e agora detecto as coisas com a luz e o radar dos seres nocturnos.

Estamos em Caronte, a maior das luas de Plutão, planeta despromovido; o astro mais longínquo do sistema solar, também o mais frio e inóspito. Caronte está coberto de água gelada. Por isso se instalou aqui uma colónia humana. Os fundadores deram-lhe o nome de Tebas 9. Não deviam tê-lo feito. Isso despertou fantasmas antigos. Caronte e Plutão são nomes que chamam a morte. Nesta Tebas do espaço, regressam no futuro os rostos do passado. Creonte governa. Édipo está em hibernação, numa vida suspensa. Antígona dorme o primeiro sono desde a morte dos irmãos. Precisou de tomar comprimidos. Em Caronte os mortos povoam o sono dos vivos.

Desejo-vos um bom espectáculo... (Sai.)³

CENA 2

Antígona dorme um sono agitado na sua cama solitária. Luz de obscuridade nocturna. [Estão em cena fantasmas de Mutantes Mortos que lhe espiam o sono.

Mutante1: És tu que lhe provocas pesadelos?

Mutante2: Por que raio havia de ser eu?

Mutante1: Porque morreste num batalhão que ela comandava. Não lhe perdoas o teres perdido a tua vida de mutante.

Mutante2: Fazes ficção comigo. Escolhe mas é outra personagem. Mesmo morto, sou fiel a Antígona.

Mutante1: O que é que ela te fez para merecer isso?

Mutante2: Sempre me tratou como seu igual. Não encontrei ninguém mais justo em cenário de guerra. Para toda a gente os mutantes são apenas monstros de aviário, fabricados para a indústria da morte.

³ Numa versão cénica que suprima a cena 2, como foi o caso da produção de estreia da peça, a fala de Tirésias introduz o encontro de Polinices e Antígona ocorrido no sonho e termina deste modo: «Em Caronte os mortos povoam o sono dos vivos. Polinices é um morto recém-chegado. Quer entrar no sono da irmã. Vou deixá-los a sós. Desejo-vos um bom espectáculo... (Sai.)»

Mas para ela, nós temos tanto valor como qualquer pessoa.

Mutante1: Parece uma fera enjaulada. Como ela se torce! Deve ser falta de homem, ou então de mulher... E eu que não te posso valer, minha querida. Não estivesse eu morto e por ti até calçava salto alto.

Mutante2: És mesmo bronco.

Mutante1: Anjinho... Diz-me lá se não te dava tesão receber ordens desta mocetona!

Mutante2: Não somos todos iguais.

Mutante1: Mas tu és, meu amigo. Igualzinho a mim. Da mesma fornada. Somos a escória dos planetas habitados. Os humanos são filhos do Sol e da macaca do Charles Darwin, mas nós, mutantes, fomos paridos pela puta mais antiga: a guerra. Pais temos nós muitos: são os engenheiros genéticos contratados pelo Ministério da Defesa.

Mutante3: Que barulho é este no quarto da Comandante? Não encontram melhor sítio para a tagarelice?

Mutante1: Soldados mortos não perturbam o repouso dos vivos.

Mutante3: Isso é o que tu pensas... Por que é que julgas que Antígona tem o sono agitado?

Mutante2: Não faço ideia.

Mutante1: Por minha causa não é de certeza.

Mutante3: Detesto ver gente mal informada. Não basta estarem mortos. Também é preciso serem ignorantes. Por toda a colónia há ecrãs noticiosos. É impossível não saber o que ocorreu em Tebas 9.

Mutante1: Então nós somos o impossível.

Mutante2: Eu já em vida era muito distraído. Agora morto estou pior ainda.

Mutante1: (*Para Mutante3*) Mas tu tens cara de quem está mortinho por iluminar a nossa ignorância.

Mutante3: Houve hoje um atentado contra o chefe maior de Tebas 9.

Mutante1: E Creonte morreu?

Mutante3: Não. Foi uma tentativa falhada.

Mutante1: Ora que pena. Tebas 9 só tinha a ganhar com o fim desse escroque. O que é que correu mal?

Mutante 3: O atentado custou a vida a dois irmãos que o poder separou: Polinices e Etéocles.

Mutante2: Os irmãos de Antígona. Então é por isso que ela está assim. (*Entra o fantasma de Polinices.*)

Mutante3: Polinices é um recém-chegado. Quer entrar no sono da irmã. Venham! Deixemo-los a sós. (*Os três Mutantes mortos saem de cena.*)]

CENA 3

POLINICES: Antígona, temos pouco tempo. Muitos são os mortos a invadir o sono dos vivos. As linhas estão sempre ocupadas. (*Ri-se com amargura.*) Parece os telefones antigos. Há uma barreira invisível que nos separa. Nunca mais podemos conversar como dantes. (*Senta-se na cama de Antígona.*)

ANTÍGONA: Polinices, meu irmão. (*Abraçam-se.*) Eu queria tanto dormir e não era capaz. Tomei uns comprimidos que prometiam viagens de ida e volta ao além. Comprei-os na candonga da net.

POLINICES: Foste imprudente. Ninguém controla a composição dessas drogas.

ANTÍGONA: É graças a elas que falo contigo. Não me censure. Eu não soube o que fazer quando vi a tua morte em directo nos ecrãs.

POLINICES: O nosso irmão também morreu comigo.

ANTÍGONA: Eu sei, mas não posso sentir por ele o mesmo. É defeito meu, talvez. Mas Etéocles era um cão amestrado de Creonte. Sentia-se feliz por ser sabujo do homem que traiu o nosso pai. Davame nojo.

[POLINICES: O dinheiro e o poder compram a alma. Ele precisava de muito dinheiro para alimentar uma família extensa. Desde que aderiu com a mulher àquela seita do esperma sagrado. Rejeitam a contracepção e as incubadoras.

ANTÍGONA: São uns fanáticos. Procriam como coelhos. Já tinham em casa uma equipa de futebol espacial. (*Riem-se ambos.*)

POLINICES: Sorte a dele, se os filhos tivessem jeito para o futebol, já o nosso irmão não precisava de lambar as botas ao Creonte. (*Muda de registo.*) Mas o pai dessas crianças morreu por minha causa.

ANTÍGONA: Temos agora uma dezena de sobrinhos órfãos. Talvez Creonte os adopte como filhos. Afinal, o pai deles morreu para lhe salvar a vida

POLINICES: Não troces, Antígona. Eu não queria matar Etéocles.]

ANTÍGONA: O que é que te passou pela cabeça? Como é que tu querias matar Creonte no meio da escolta pessoal que o guarda dia e noite? Foi um gesto suicida.

POLINICES: Parecido com o teu. Por que é que tu te drogaste? Nunca fizeste nada assim. Sabes lá o que é que metem nas pastilhas...

ANTÍGONA: Queria esquecer. Ou morrer contigo. Mas não tive coragem. (*Pausa.*) E tu, não me respondeste.

POLINICES: Levava comigo esta agulha minúscula (*Exibe na mão a arma invisível.*) Bastava tocar-lhe com ela no braço. Mais leve que a picada de um mosquito. E um exército terrível entrava-lhe no corpo. Robôs mais pequenos do que o vírus da gripe. Ao fim de breves minutos, Creonte morreria. Os nanorobôs destroem-se a si mesmos depois de fazer o seu trabalho. Não deixam rasto nas células. É difícil apurar a causa de morte... Era uma sessão pública de cumprimentos. Eu ia apenas apertar a mão a Creonte, como um vulgar eleitor de Tebas 9, feliz por ele iniciar o seu sétimo mandato.

ANTÍGONA: Mas não contavas com o nosso irmão canino.

[POLINICES: Eu trazia o cabelo pintado. Uma máscara de silicone escondia-me as feições. É como se Etéocles me tivesse conhecido pelo cheiro.

ANTÍGONA: Como os cães, como os cães...]

POLINICES: E eu nem o tinha visto. Vestem-se todos de igual. Etéocles percebeu que eu ia matar o chefe maior e defendeu-o com

a própria vida. Espetou-se na agulha que eu trazia. Não pude fazer nada. Os outros seguranças agarraram-me. Ficaram em pânico quando viram o colega a agonizar no chão, como um cão envenenado. Tentei fugir e um deles alvejou-me de morte.

ANTÍGONA: Que loucura, Polinices. Há detectores de identidade em todo o lado. [Carregas no botão do elevador, e eles sabem quem tu és por leitura genética.] Como é que foste tão ingénuo? Ires ao beija-mão do déspota, mascarado como se fosse Carnaval.

POLINICES: Eu precisava fazer alguma coisa. Não nasci para prisioneiro. Tenho a alma rude dos vadios. E Hémon corria risco de vida por me esconder em casa. Cansei-me das conspirações virtuais. Não me levavam a nada.

ANTÍGONA: E a tua acção directa, levou-te a algum lado? Morreste tu e morreu um lacaio do chefe, e Creonte pode agora controlar melhor ainda a vida de todos nós. [Com a desculpa de pugnar pela segurança dos cidadãos.]

POLINICES: Desculpa, Antígona. Gostava de ter tido o teu sangue frio. Sinto que a minha vida ficou incompleta.

ANTÍGONA: Devias ter pensado antes. Agora é tarde.

POLINICES: Talvez não seja. Talvez haja uma forma de eu regressar [ao palco onde tu estás].

ANTÍGONA: Não te percebo.

POLINICES: [Fazer teatro é o destino dos vivos.] Venho pedir-te uma coisa, Antígona.

ANTÍGONA: Um morto que pede ajuda a um vivo. Conheço a situação, mas não me lembro de onde.

POLINICES: Imagina no passado pessoas com os nossos nomes que vivessem dramas idênticos aos nossos, mas a memória delas perdeu-se e por isso repetimos os seus erros. E mesmo se nos lembrássemos, talvez tudo acontecesse de novo e diferente outra vez. A vida é escrava do tempo como os nossos pulmões são escravos do gerador de ar de Tebas 9.

ANTÍGONA: Estás morto. Não precisas de oxigénio... E eu daria a minha vida para te arrancar da morte. Mas isto não passa de um sonho provocado pela droga. Que queres tu de mim, meu irmão?

POLINICES: Que sejas minha mãe, para que eu nasça outra vez.

ANTÍGONA: Já houve incesto a mais na nossa família. E eu não tenho vocação de mãe.

POLINICES: Se gerares o meu corpo, eu virei juntar-me a ti.

ANTÍGONA: Não percebo o que dizes.

POLINICES: Logo o saberás. Adeus, irmã. Não temos mais tempo. (*Ele regressa à invisibilidade.*)

ANTÍGONA: (*Chama pelo irmão.*) Polinices! Eu não sei o que me pedes! Polinices! (*Escuro.*)

CENA 4

Hémon está sentado a sós em casa.

Voz feminina de porteira electrónica: Está lá fora a comandante Antígona.

HÉMON: Podes abrir. (*Antígona entra e abraça Hémon.*)

ANTÍGONA: Hémon, como foi isto possível?

HÉMON: Eu não consegui evitar o pior. O teu irmão sentia-se enjaulado.

ANTÍGONA: Vocês zangaram-se?

HÉMON: Nada disso, Antígona. Polinices vivia tudo intensamente. Isso consumia-o. Desde que o meu pai o declarou inimigo do regime,

ele ficou aqui como um sepultado vivo, a imaginar revoluções *online*. Recusou-se a sair de Caronte. Apenas tu e eu o protegíamos da morte. Às vezes, o maior perigo da vida somos nós próprios. Mas agora já não pude impedi-lo.

ANTÍGONA: Conta-me. Eu preciso saber o que se passou. Tive hoje um sonho tão estranho, em que ele me apareceu.

HÉMON: É natural que os nossos mortos nos invadam o sono. Mas não me peças detalhes. Não consigo falar ainda.

ANTÍGONA: Desculpa, estou a ser egoísta. Tu és o viúvo do meu irmão.

HÉMON: Se quiseres podes ver a gravação da despedida. (*Dá-lhe para as mãos um comando de ecrã.*) Eu percebi que não iria demovê-lo e liguei as câmaras de vigia doméstica para guardar esses momentos. Os últimos que passámos juntos. As três dimensões dão a ilusão perfeita. Como se fosse ao vivo. Vê tu sozinha. Eu não sou capaz. (*Hémon sai. A mutação de luzes permite perceber a transição entre a cena presente e a cena a que Antígona assiste em reconstituição teatral, como se fosse uma imagem gravada em projecção tridimensional. Quando as luzes o tornam visível, Polinices está em cena.*)

CENA 5

POLINICES: Hémon! Onde estás? Não te escondas de mim. Escondido tenho estado eu sempre. Quero muito que me oiças!

HÉMON: (*Apenas se ouve a voz.*) O que vais tu fazer, Polinices? Eu não devia deixar-te sair de casa.

POLINICES: Esta casa é tua, não é minha.

HÉMON: Pensava que já tínhamos ultrapassado essa fase. Mas enganei-me.

POLINICES: Não posso continuar assim. Dependo de ti para tudo. Não é justo ser teu parasita. (*Hémon aparece.*)

HÉMON: Disparate! Tu não és meu parasita. [És a pessoa que eu amo.]

POLINICES: Tenho de fazer alguma coisa senão dou em doido.

HÉMON: Fazer o quê? Creonte expulsou-te de Tebas e emitiu um mandado de captura contra ti. És um alvo a abater. Se te apanharem em Caronte, matam-te a sangue frio. Ou deportam-te para as minas de gelo, em trabalho forçado. E tu não tens a resistência dos mutantes de guerra. Acabas congelado em poucos dias.

POLINICES: Quem te diz que não consigo suportar os rigores do gelo? E liderar uma insurreição entre os mutantes das minas... A raiva dos escravos é o melhor aliado dos rebeldes.

HÉMON: Andas a ver filmes em demasia. Os mutantes trabalham com as mentes controladas à distância. Parecem sonâmbulos. Se para lá fosses ficavas como eles.

POLINICES: Sempre era melhor do que estar assim, sem ação.

HÉMON: Não digas parvoíces.

POLINICES: Vou arriscar-me a sair daqui. Tenho um plano.

HÉMON: Um plano para apressar a morte? E nem sequer achas útil partilhá-lo comigo. Deixei de ser importante para ti.

POLINICES: Não digas isso.

HÉMON: És egoísta. Queres a glória dos heróis, que é normalmente ganha com uma morte violenta. E esqueces-te dos outros. De mim, da tua irmã, das pessoas a quem tu mais importas.

POLINICES: Eu tenho uma missão a cumprir. Para o bem de todos. [E não a posso aqui fazer fechado dia e noite.

HÉMON: Os grandes guerreiros são os que sabem esperar pela hora do triunfo. E essa hora não chegou ainda para ti.]

POLINICES: Eu não posso esperar mais, Hémon. Já não tenho tempo.

HÉMON: Não tens tempo de quê? Não percebo a ansiedade. Estás a esconder-me coisas.

POLINICES: Tenho um plano, mas não posso revelar-to. Não seria honesto.

HÉMON: Vais sair daqui para matar o meu pai. Não precisas dizer-mo. Tu conheces-me bem. Sabes que encaro esse gesto com frieza. O assassinato é o destino dos tiranos. Mas será que adianta matá-lo? Não haverá uma multidão de outros Creontes que lhe cobiçam o lugar?

POLINICES: Tu achas que sou um deles?

HÉMON: Eu não disse isso. Mas o poder é uma droga perigosíssima.

POLINICES: Tu tens poder também sobre mim.

HÉMON: São muitas as formas de poder que existem no mundo.

POLINICES: Ainda bem que o reconheces. E eu sei que há outras formas de exercer o poder nesta Tebas. Por que é que a morte de Creonte há-de dar lugar a novos Creontes? Estaremos nós condenados a que a História se repita com outro guarda-roupa?

HÉMON: Não sei, Polinices. Mas se queres matar Creonte, não irei impedir-te. Mais ajuda que esta não me peças. Já tive muita raiva do meu pai. Agora sinto apenas indiferença.

POLINICES: Preciso partir. Ou será tarde demais.

HÉMON: Tenho medo por ti. Creonte anda sempre vigiado, com a paranóia de ser morto. Procuraste ao menos o conselho de Antígona?

POLINICES: Não lhe disse nada. Ela tem cabeça de militar. É capaz de obedecer mesmo que as leis do chefe a dilacerem por dentro.

HÉMON: Fizeste mal. A tua irmã é mulher de armas com muita experiência de guerra.

POLINICES: Mas isto não é guerra. É uma paz podre a que vou dar fim. Voltarei cedo ainda hoje, tu vais ver! (*Abraçam-se.*)

HÉMON: Eu queria tanto acreditar no que dizes. Mas não sou capaz. (*Despedem-se.*) Adeus...

POLINICES: Até logo! (*Polinices sai. As luzes apagam e quando acendem Hémon já lá não está, dando a entender que terminou o visionamento da gravação. Antígona prime o comando e fica contemplativa.*)

CENA 6

ANTÍGONA: Hémon! Podes vir! A gravação acabou. E eu continuo sem perceber o meu irmão. A pressa que ele tinha para se entregar ao inimigo. Tens alguma pista que o explique? (*Hémon surge.*)

HÉMON: Não faço ideia. Mas o que me inquieta agora é outra coisa. Tu viste hoje o comunicado de Creonte na tv?

ANTÍGONA: Não vi nada. Dormi muitas horas e quando acordei vim a correr falar contigo. Diz-me o que se passa!

HÉMON: Creonte ordenou a destruição do cadáver de Polinices para hoje. Não tenciona devolver o corpo à família. O meu pai quer castigar-me antes de mais. Sabe que fui companheiro de vida do teu irmão. Sou o primeiro a sofrer com esta ordem infame.

ANTÍGONA: Que horror! Destruírem-lhe o cadáver como se fosse portador de um vírus mortal. O teu pai está cada vez pior. Já ganhou medo aos mortos, depois de matar tantos mutantes nas minas de gelo.

HÉMON: Eu gravei o discurso dele. Queres vê-lo?

ANTÍGONA: Claro que quero.

CENA 7

A mudança de luzes indica que passamos supostamente a visionar uma gravação a três dimensões. Hémon prime num comando e assiste ao discurso de Creonte na companhia de Antígona.

CREONTE: Caros cidadãos de Tebas 9. Aconteceu hoje uma grave tentativa de assassinato contra a minha pessoa. Foi um atentado frustrado nos seus intentos, porque ainda permaneço junto de vós, a cumprir a tarefa que o eleitorado desejou confiar-me. Mas para que a minha vida fosse salva, houve um homem que morreu. A minha perene gratidão à memória de Etéocles e os meus mais sinceros sentimentos dirijo à família enlutada, à sua viúva e aos seus órfãos. Haverá honras militares no seu funeral [e o corpo será sepultado em Europa, como era seu desejo. Etéocles nasceu nesse satélite de Saturno, para onde partirá o cortejo fúnebre dentro de horas, numa nave federal].

Terrível é pensar que foi o seu irmão gémeo quem o assassinou. Eram gémeos falsos. Só podiam sê-lo. Em tudo se mostraram diferentes na vida. A morte juntou-os em condições opostas. Etéocles sucumbiu como um herói de estado. Polínicos morreu como traidor à paz desta colónia. [Mas algo ganhámos com este incidente fatal, apesar de tudo. Ficámos livres de um inimigo da ordem e do bem-estar necessários à

prosperidade colectiva. Temos presente o sacrificio dos pioneiros que fundaram esta colónia nos confins do sistema solar. Devemos saber honrar o seu testemunho. É forçoso deixar exemplo para os que virão depois. O sinal de como repudiamos as acções criminosas contra os representantes do estado. Polinices]⁴ terá o seu castigo póstumo. Ordeno a destruição total do seu cadáver dentro das próximas horas. Não haverá lugar a que nenhum dos seus cúmplices venha reclamar-lhe o corpo. O seu património genético será inteiramente erradicado, de modo a impedir que alguém sonhe sequer em criar clones dele. É estritamente proibida a recolha de tecidos orgânicos do seu corpo até que este seja desintegrado para sempre. [Desta sentença não haverá apelo possível. Ao tentar assassinar-me, Polinices atentou contra a vida de todos e de cada um dos habitantes da colónia. Todos nós fomos, sem excepção, o alvo deste ignóbil atentado.] Quero fazer da minha chefia uma prática tão transparente quanto o gelo cristalino que é a riqueza de Caronte. Obrigado pela vossa confiança. (*Hémon apaga a imagem. Há escuro e luzes de novo.*)

CENA 8

HÉMON: Ele devia era dizer: Obrigado pela vossa submissão!
Obrigado pela vossa apatia!

ANTÍGONA: Não te invejo o facto de seres filho de Creonte.

⁴ Na versão cénica, a frase de ligação fica: «Polinices morreu como traidor à paz desta colónia e terá por isso o seu castigo póstumo.»

HÉMON: Já me resignei à ideia. Dizem que as almas escolhem os pais para encarnarem. Se isto for assim, eu não devo ter tido escolha nenhuma. Ou então fui vigarizado no além. Impingiram-me um pai que ninguém queria. (*Ri-se.*)

ANTÍGONA: Gosto de te ver rir.

HÉMON: É um riso cínico.

ANTÍGONA: É o bastante para não morrermos de asfixia. Sempre gostei disso no exército. Os soldados riem-se com qualquer coisa estúpida. Estão próximos da morte.

HÉMON: Mas eu nunca quis ser soldado. E o humor de caserna não é o meu forte.

ANTÍGONA: Eu sei... Mas é estranho. O discurso de Creonte fez-me perceber o que Polinices me pediu em sonhos.

HÉMON: Isso é uma piada para eu rir?

ANTÍGONA: Por que é que não levas a sério o sonho que tive com ele?

HÉMON: Por favor, tu estavas drogada com hipnóticos.

ANTÍGONA: Talvez por isso mesmo. Sempre houve substâncias capazes de nos abrir a mente para mundos invisíveis.

HÉMON: Antígona, a psicadélica... Tu toma cautela! Por esse andar ainda acabas narcodependente. E ficas sem quartel.

ANTÍGONA: Distorces o que digo. Tu sabes que eu nunca fui de me meter em drogas. Jamais me viste bêbeda.

HÉMON: Sempre te vi dura como o metal frio das armas. E acho um disparate ficares presa a um sonho. Já não és adolescente.

ANTÍGONA: Tu estás com ciúmes, porque Polinices me apareceu a mim e não a ti.

HÉMON: A tua saúde mental preocupa-me. Essas pastilhas puseram-te alucinada.

ANTÍGONA: Não queres que eu te dê uma? Talvez sonhasses com ele também.

HÉMON: Não preciso de comprimidos para sonhar com o teu irmão. Ele continua comigo, onde quer que esteja.

ANTÍGONA: Polinices pediu-me para nascer de mim. Quer que eu gere um clone seu. O clone que Creonte proibiu.

HÉMON: Cada clone é um indivíduo, não é uma fotocópia de carne. Tu criticas a Ismena por viver com um clone da vossa mãe. E estás a seguir o mesmo caminho da tua irmã.

ANTÍGONA: São coisas diferentes, Hémon. Polinices disse-me que vinha até mim quando eu o tivesse no meu ventre. O seu espírito aguarda pelo clone que eu gerar para regressar à vida.

HÉMON: Desconhecia essa tua faceta mística...

ANTÍGONA: Tu achas que por eu ser militar, só penso em batalhas [no espaço].

HÉMON: Foram esses sempre os teus interesses.

ANTÍGONA: Conheces-me tão mal, Hémon.

HÉMON: Não, Antígona. Tu é que estás diferente. A morte de Polinices transformou-te.

ANTÍGONA: Acreditas que um sonho pode mudar a vida de uma pessoa?

HÉMON: Sim, e também pode conduzi-la à morte.

ANTÍGONA: Eu procuro dar vida em vez de morte. Não gostavas que o nosso Polinices voltasse como um filho perdido?

HÉMON: Antígona! Acorda! Ele não volta, por muito que isso custe a aceitar. Para que queres tu um clone de Polinices? Isso não preenche a sua ausência. Uma pessoa não habita no cadáver. O cadáver só serve o egoísmo dos vivos. O morto está vivo noutra sítio. É nisso que acredito. A lei de Creonte não me atinge.

ANTÍGONA: Gostava de ter o teu desprendimento, mas não sou capaz. Vivemos neste exílio [asséptico de metal e gelo,] tão longe do sol. O elo que temos com a natureza é o nosso corpo. O corpo é a morada dos humanos. Quando já não o tivermos, deixamos de ser o que somos. Passamos a ser outra coisa. Eu quero gerar o corpo de Polinices para que ele possa regressar do outro lado.

HÉMON: Há loucura nesse desejo. A função de mãe, que ainda não cumpriste, apodera-se de ti como um buraco negro.

ANTÍGONA: Mesmo que assim seja, não posso negar o que sinto. Polinices veio ao meu encontro. E eu vim ao teu. Temos de ser aliados um do outro.

HÉMON: Eu não falo a tua linguagem de guerra.

ANTÍGONA: Não me vais deixar sozinha nisto.

HÉMON: Como posso eu valer-te?

ANTÍGONA: Tens de convencer Tirésias a preparar a clonagem. Sem a ajuda dele é impossível.

HÉMON: Não será fácil. Embora isso lhe desse o maior dos prazeres. Contrariar Creonte é o gesto favorito de quem foi minha mãe.

ANTÍGONA: Deve ser estranho isso. [Eu nunca te perguntei antes...

HÉMON: O que é que queres saber?]

ANTÍGONA: O teres nascido de uma mulher que foi homem e que agora voltou ao sexo de origem...

HÉMON: Não me perturba. Tirésias continua a ser a minha mãe de sempre. O sexo biológico é um dado secundário.

ANTÍGONA: E então, o que é que decides?

HÉMON: Vou ajudar-te, Antígona. Em memória de Polinices. Oxalá consigas chamá-lo à vida, em vez de ser ele a atrair-te à morte.

ANTÍGONA: Falas tu primeiro com Tirésias?

HÉMON: Vou hoje ao laboratório. Preparo o terreno para falares com ele.

ANTÍGONA: O tempo esgota-se.

HÉMON: À noite tenho *show* no Sileno Bar.

ANTÍGONA: Deve ser difícil para ti, com o meu irmão acabado de morrer...

HÉMON: *The show must go on*. Não se vive do ar pasteurizado, como na tua tropa. E é o melhor luto que faço por ele.

ANTÍGONA: Obrigada por estares do meu lado.

CENA 9

Jocasta2, o clone de Jocasta, recebe Antígona em casa de Ismena. Ambas se abraçam.

ANTÍGONA: Fico sempre emocionada quando te vejo. Desculpa.

JOCASTA2: Eu sei, Antígona. Não deve ser fácil lidar com o clone da tua própria mãe.

ANTÍGONA: Mas já Ismena não é como eu. Até te contratou como governanta [para todo o serviço].

JOCASTA2: Vocês não são tão diferentes como julgas. Ismena precisa de mim para combater a solidão.

ANTÍGONA: E tinha de ser logo com uma réplica da nossa mãe. Ela está a usar-te, Ju. Indecentemente...

Jocasta2: Eu tenho a minha vida e a Ismena tem a dela. Vim viver para casa da tua irmã, mas mantenho a profissão que tinha.

ANTÍGONA: Continuas a trabalhar nos serviços de hibernação?

JOCASTA2: Sim, não podia passar sem o meu trabalho... Há muito tempo que não apareces por lá.

ANTÍGONA: É verdade. Custa-me tanto ver o meu pai metido naquela urna metálica. A flutuar inerte como um feto adulto. Apetecia-me acordá-lo e trazê-lo para a vida. Tebas 9 sente a falta do seu líder autêntico.

JOCASTA2: E eu sinto a falta das nossas conversas. É tão raro termos a tua visita.

ANTÍGONA: Tu bem sabes porquê. A minha irmã assim o quis. Onde é que ela está?

JOCASTA2: Eu não sei se irás esperar ainda uns minutos...
(Começam a ouvir-se suspiros de prazer, de Ismena, que vão aumentando progressivamente de intensidade.)

ANTÍGONA: Ismena está acompanhada?

JOCASTA2: Digamos que não...

ANTÍGONA: E estes gemidos, são música ambiente?

JOCASTA2: Ela está a experimentar um novo programa de sexo virtual.

ANTÍGONA: Pobre irmãzinha. Nem tu nem Creonte chegam para a levar ao êxtase. (*Os gemidos simulam um orgasmo ruidoso.*) É melhor eu voltar noutra altura. Não quero ser uma empata-quecas cibernéticas.

JOCASTA2: Não te vás embora, Antígona. Eu vou interromper a Ismena. Ela já está naquilo há uma hora. Tenho medo que lhe faça mal ao coração.

ANTÍGONA: Tens toda a razão. Vai lá que eu espero. (*Jocasta2 sai.*) Agora percebo porque é que Ismena escolheu viver com uma cópia da mãezinha. Precisa mesmo de alguém que tome conta dela. (*Momentos depois surge Ismena, afogueada.*)

CENA 10

ISMENA: Desculpa, Antígona. Não sabia que estavas à minha espera.

ANTÍGONA: Não seria melhor repousares um pouco? Não quero que tenhas um colapso depois de tanta excitação.

ISMENA: Não há crise. É uma terapia anti-stress. Devias experimentar. O sexo virtual é um mundo de sensações mais forte que a presença física.

ANTÍGONA: Suponho que não te vens *online* com um boneco de Creonte.

ISMENA: Credo! Claro que não. Para isso tenho a rotina do dia a dia.

ANTÍGONA: Como posso eu esquecê-la?

ISMENA: Tu nunca hás-de aceitar isto.

ANTÍGONA: Tanta gente poderosa no mundo e tu tinhas logo de ser amante de Creonte, que ainda por cima é teu tio.

ISMENA: A nossa família nasceu do incesto. Já não temos remédio.

ANTÍGONA: Sim Ismena. Mas logo com Creonte!? Não sei o que vês tu nele de excitante.

ISMENA: Eu adoro fornicar com o poder. É um fetiche da tua mana mais velha. Mas não vieste aqui para falar da minha vida íntima.

ANTÍGONA: Venho pedir-te ajuda, Ismena.

ISMENA: No que te puder ser útil.

ANTÍGONA: Tu não sofreste como eu a morte de Polinices.

ISMENA: Não é de estranhar. Sofri mais a perda do nosso Etéocles. Dos dois gémeos, Polinices era o teu favorito e Etéocles o meu. Sempre assim foi desde que eles eram miúdos.

ANTÍGONA: Polinices apareceu-me em sonhos.

ISMENA: Também eu sonho tantas vezes com o nosso pai.

ANTÍGONA: Mas Édipo não está morto.

ISMENA: É como se estivesse. Hibernou por sua vontade. Retirou-se do mundo numa morte em vida. Como um vulgar criminoso, condenado à congelação.

ANTÍGONA: Foi a decisão do pai. E o teu amante bem pode agradecer-lhe. Se Édipo não tivesse renunciado ao cargo, Creonte nunca chegaria a Chefe Maior de Tebas 9.

ISMENA: Voltemos ao teu sonho.

ANTÍGONA: Polinices quer nascer outra vez.

ISMENA: Não estou a perceber.

ANTÍGONA: Foi ele que mo disse em sonhos.

ISMENA: O desejo é apenas teu. Por isso sonhaste com ele. Não podes confundir as coisas.

ANTÍGONA: Tu não acreditas em mim.

ISMENA: Acredito que desejas o impossível.

ANTÍGONA: Eu quero gerar um clone do nosso irmão e tu podes ajudar-me a consegui-lo.

ISMENA: Creonte ordenou a destruição do cadáver e proibiu tentativas de clonagem.

ANTÍGONA: Mas ele ouviu os teus conselhos. Dorme na tua cama. És a sua directora de imagem. Tens meios para persuadi-lo.

ISMENA: Tu nem pareces militar. Polinices tentou matar Creonte. Como iria ele perdoá-lo?

ANTÍGONA: Seria um gesto magnânimo.

ISMENA: Não podes pedi-lo a Creonte.

ANTÍGONA: E a ti, posso? Tu és uma mulher influente. Diriges a maior cadeia mediática da colónia. Controlas os ecrãs e a imprensa digital. Se fosses adepta da minha causa...

ISMENA: Gerares um clone de Polinices não faz sentido algum. Não me quero envolver nisso. Tenho ambições públicas em Tebas 9.

ANTÍGONA: Tu não queres ser adversária do teu amante.

ISMENA: E para quê fazê-lo? Só porque adormeceste na caserna e sonhaste com um terrorista morto que nasceu com o nosso sangue. Não, Antígona. Não contes comigo.

ANTÍGONA: Nada espero então de ti...

ISMENA: És a minha irmã e eu respeito a tua loucura. Creonte não ouvirá da minha boca uma palavra sobre esse teu plano. É tudo o que podes esperar de mim. Agora vais desculpar-me, mas tenho uma emissão em directo nos estúdios. Preciso ir já. Adeus. A Ju conduz-te à porta. (*Sai.*)

ANTÍGONA: Estou sozinha, Polinices. Esta mulher já não é a nossa irmã.

CENA 11

Entra Jocasta2.

ANTÍGONA: Abres-me tu a porta desta caixa forte? Nem ao menos se pode sair para o ar livre quando se sai de casa. Gostava de sentir o sol, sem ser por ilusão virtual.

JOCASTA2: Nunca conheci a Terra. Dizem que está muito destruída. A atmosfera já não é respirável.

ANTÍGONA: Vive-se aqui engaiolado como nas lojas de animais de estimação, ou de abate. Mas quando falta a estimação, fica só o animal ao abandono, até depois de morto.

JOCASTA2: Eu quero ajudar-te, Antígona.

ANTÍGONA: Obrigada, Ju. Não é em vão que partilhas os genes da minha mãe. Que podes tu fazer por mim?

JOCASTA2: Nem imaginas quanto. Eu sei onde Creonte tem guardado o cadáver de Polinices.

ANTÍGONA: Tu não me digas...

JOCASTA2: O corpo está no gelo de um gaveto de alta segurança, no edifício onde trabalho. Eu hei-de arranjar meio de chegar até ele.

ANTÍGONA: Tu achas que consegues? Seria correr grande perigo por minha causa.

JOCASTA2: Eu estou lá há muitos anos. Conheço aquela casa melhor do que ninguém.

ANTÍGONA: Como posso eu agradecer a tua coragem?

JOCASTA2: Convidas-me para madrinha do teu filho.

ANTÍGONA: É para já. Mas só isso não basta...

JOCASTA2: Agora não há tempo para mais. Escassas horas nos separam até que o corpo seja destruído. Eu farei por ti a colheita de tecidos.

ANTÍGONA: Não há palavras para gestos como o teu. Até logo amiga. (*Escuro.*)

CENA 12

Hémon e Tirésias.

HÉMON: Ela deve estar a chegar.

TIRÉSIAS: Não sei o que lhe direi, filho. Amo Antígona como se fosse tua irmã.

HÉMON: Dizes-lhe o que me disseste. Mas já sabes que ela não se convence. Antígona não é mulher de resignações. *(Entra Antígona.)*

CENA 13

ANTÍGONA: *(Cumprimentam-se.)* Meu querido Tirésias, o tempo corre contra nós. Hémon já te pôs ao corrente do meu sonho?

TIRÉSIAS: Já sim, Antígona.

ANTÍGONA: E o que é que me dizes?

TIRÉSIAS: Não faças isso. Arriskas a tua vida, estupidamente.

ANTÍGONA: De ti não esperava essa opinião.

HÉMON: Vou deixar-vos sós.

ANTÍGONA: Fica mais um pouco, Hémon. O teu *show* é só logo à noite. (*Hémon detém-se.*)

TIRÉSIAS: Ouve-me, Antígona! Vai ser muito difícil chegares junto do corpo de Polínicos, antes que o eliminem.

ANTÍGONA: Com esse problema não te preocupes. Tenho um cúmplice infiltrado nos serviços. É outro o teu papel, Tirésias. Só tu sabes fazê-lo. Preparas as células do clone e despertas o meu ventre para recebê-las. Não quero gerar o meu irmão numa incubadora, como um frango de aviário. A mãe dele serei eu mesma. (*Tirésias está perturbado.*)

HÉMON: Ele quer dizer-te qualquer coisa mas não sabe como...

ANTÍGONA: O que é, Tirésias?

TIRÉSIAS: Nem eu próprio sei.

ANTÍGONA: Não entendo a tua hesitação. Tu rompestes com Creonte e mesmo assim ousaste permanecer em Tebas. És um exemplo para todos os que rejeitam tiranias.

TIRÉSIAS: Sabes, Antígona... Eu tomei parte em projectos secretos do estado, há duas décadas. Experiências de manipulação genética que a lei não consentia. E quando quebrei os laços com Creonte, sofri as consequências.

HÉMON: Fizeram-lhe lavagens ao cérebro. Para que se tornasse numa ovelha alienada, à semelhança dos que habitam a colónia.

ANTÍGONA: À minha mãe fizeram o mesmo. Deixaram-na um vegetal ambulante. (*Para Tirésias.*) Mas contigo foi diferente. Tu resististe e regressaste à tua profissão de cientista.

HÉMON: Sim, Antígona. Mas Tirésias pagou um alto preço. Há trechos do passado que esqueceu por completo.

TIRÉSIAS: O meu cérebro diz-me que é desastroso fazer um clone do teu irmão, mas não sei porquê. Alguém apagou o ficheiro dos neurónios.

ANTÍGONA: Ora que desastre haverá em clonar Polínicês? A clonagem humana tornou-se uma banalidade tecnológica.

TIRÉSIAS: A isso eu não sei responder.

HÉMON: Se tu não sabes, ninguém o saberá.

TIRÉSIAS: Jocasta sabia-o e Édipo também.

ANTÍGONA: Mas a minha mãe é uma sombra mansa que consome os dias abraçada ao seu Crisipo, no bairro dos mutantes. E o meu pai está em hibernação profunda. Não há tempo para o acordar, pois não?

TIRÉSIAS: Nem penses nisso! Na hibernação profunda é preciso no mínimo três dias para reactivar as funções vitais.

ANTÍGONA: E eu tenho apenas algumas horas.

HEMÓN: Se acelerares o processo da descongelação, ele ficará com danos irreversíveis.

ANTÍGONA: Que me resta fazer?

HÉMÓN: Por que não tentas falar com a tua mãe? Faz-lhe uma visita. Quem sabe ela demonstra um clarão de lucidez?

ANTÍGONA: Jocasta já não é Jocasta. É um olhar vazio num organismo vivo. [Como se lhe tivessem feito uma lobotomia.]

TIRÉSIAS: Foram mais cruéis com a tua mãe. Comigo tiveram mais cautela. Precisavam da minha ciência. [O meu ofício era demasiado útil para que me silenciassem de vez.]

HÉMÓN: A isso se chama a tortura selectiva.

ANTÍGONA: Nunca percebi porque fizeram esse horror à minha mãe. Quem ganharia com o silêncio dela? Eu era criança quando tudo se deu. Foi como um pesadelo do qual nunca acordei. O meu pai descobre que é filho biológico da minha mãe e abdica do poder e da vida. A minha mãe, desorientada, procura refúgio nos braços

de Crisipo, seu antigo amante. Depois é internada com um colapso nervoso, e sai do hospital no farrapo em que está hoje. De um dia para o outro, desfez-se a minha família. Os tablóides em Tebas tiveram tiragens especiais para cobrir ao pormenor a desgraça da minha casa. De filha do Chefe Maior de Tebas 9, passei a ser uma órfã ao cuidado do estado. O meu tio Creonte ficou com a minha tutela. Mas eu preferi o colégio militar. Nem me lembro já porquê.

TIRÉSIAS: Eu não sei esclarecer os teus enigmas. Eles são meus também. A minha memória é um buraco negro.

HÉMON: E Crisipo, como é que ele está de cabeça?

ANTÍGONA: Crisipo é um mutante violento. Herdou os genes híbridos da mãe dele, a quem chamaram a Esfinge. Se ele não estivesse sob medicação constante, já o tinham posto a hibernar. Mas ele consegue controlar-se com ajuda médica. Crisipo nunca falha a hora de tomar as drogas. E isso torna-o meio imbecil. Pouco se pode esperar do que ele diz.

TIRÉSIAS: Às vezes os imbecis reservam-nos as maiores surpresas.

ANTÍGONA: E nem sempre as melhores... Está bem. Eu sigo o vosso conselho. Vou visitar o ninho de amor de Jocasta e Crisipo. Há muito tempo que não me perco no bairro dos mutantes. É um sítio exótico, mas saio de lá sempre deprimida por ver a minha mãe como ela está.

HÉMON: Não te esqueças do meu *show* no Sileno bar. Gostava que hoje fosses.

ANTÍGONA: Há tanto por fazer antes disso...

TIRÉSIAS: Faz-me um favor, Antígona. (*Dá-lhe uma pequenina escova para amostras salivares.*) Recolhe uma amostra do ADN de Crisipo. Quero saber o tipo de mutação que ele sofre.

ANTÍGONA: E eu também. Voltarei mais tarde para tu analisares. (*Sai.*)

CENA 14

Crisipo, filho da Esfinge, um mutante humano com pés leoninos e asas nas omoplatas, está preso com algemas nos pulsos e nos artelhos a duas colunas de casa. Alterna entre um estado de torpor, de cabeça caída, e súbitos impulsos em que parece querer soltar-se das algemas, rugindo como um animal encarcerado. Jocasta está sentada a beber uma caneca de chocolate. Levanta-se para abrir a porta quando Antígona toca.

ANTÍGONA: Olá, mãe! (*Abraça Jocasta e esta fica surpreendida.*)

JOCASTA: És minha filha?

ANTÍGONA: Sou sim. Já te esqueceste outra vez.

JOCASTA: Pois é. Tens a certeza que não te enganaste na porta? Deve haver outras mães a viver neste prédio.

ANTÍGONA: Não me enganei. És tu a minha mãe.

JOCASTA: Então está bem. Eu gosto de visitas. Estou sempre sozinha mais ele. Queres chocolate? Está quentinho.

ANTÍGONA: Não, obrigada. Sou alérgica ao cacau desde bebé.

JOCASTA: Eu devia lembrar-me disso, não é? Já que és minha filha... *(Para Crisipo, que começou a ficar agitado.)* Vê lá tu. Diz que sou mãe dela. Pois é. Eu acho que tive filhos, mas já foi há tanto tempo...

ANTÍGONA: Tiveste ao todo cinco filhos. Três rapazes e duas raparigas.

JOCASTA: Ihhh!... Tanta criança. Cinco vezes andei prenha e não me lembro de nada, nadinha.

ANTÍGONA: Andaste grávida quatro vezes porque os dois rapazes mais novos eram gémeos.

JOCASTA: Gémeos! Que bonito... Mas disseste que eram gémeos. Então já não são?

ANTÍGONA: Não mãe, os teus gémeos já morreram.

JOCASTA: Os dois? Eu devia chorar pelos meus filhos. Mas não me lembro de nenhum. Pois é... Quem era o pai deles? (*Crisipo, subitamente lúcido, responde asperamente.*)

CRISIPO: Era o nosso filho Édipo. (*Antígona fica perturbada.*)

JOCASTA: Tive filhos do meu próprio filho? Que disparate, Crisipo! Tu tens de tomar os teus comprimidos.

CRISIPO: Ainda estavas casada com o Laio. Mas o Laio era estéril. Tinha o esperma morto. Hoje há muitos gajos assim. O Laio gostava de rapazes. Engraçou comigo e trouxe-me para casa. Eu dormia com ele e dormia contigo e fiz-te uma criança. Laio não quis perfilhar a cria de um mutante. Obrigou-te a entregar o nosso filho para adopção. Quando Édipo voltou a Tebas 9 em adulto, casou com a viúva do Chefe Maior, sem saber que era mãe dele.

JOCASTA: Quem era essa viúva?

CRISIPO: Eras tu, Jocasta.

JOCASTA: Isso é uma história que tu viste na tv e agora dizes que se passou comigo. Pois é. O Crisipo inventa muito.

ANTÍGONA: Por que é que está preso com algemas? Fez-te mal?

JOCASTA: Não, filha. Ele é muito bom para mim. Desde que tome os comprimidos à hora certa. Mas ontem cismou que não queria tomá-los. Quando não toma os comprimidos, diz que se lembra de tudo. Mas fica violento, para ele e para mim. Dão-lhe acessos de raiva. Foi ele que me pediu para o prender com algemas. Comprei-as numa sex-shop. (*Ri-se.*) Dou-lhe comida na boca e ali está. Manias dele. Estamos velhos. Pois é... Vou à casa de banho. Vê tu se o convences a tomar as drogas. Preso assim vai ficar ferido nos pulsos e nos pés. (*Jocasta sai. Antígona interpela Crisipo sem disfarçar o nervosismo.*)

CENA 15

ANTÍGONA: Que história é essa de dizeres que o meu pai é teu filho?

CRISIPO: Tens vergonha de ser bisneta da Esfinge? Édipo também ficou com vergonha de si próprio quando soube. Começou a ter os pés iguais aos meus e os ossos das asas a romperem-lhe das costas. Ficou em pânico. Como podia o Chefe Maior de Tebas 9 pertencer à escória genética dos mutantes? Foi por isso que ele preferiu a hibernação. O incesto com Jocasta serviu apenas a mentira oficial dos *media*.

ANTÍGONA: Tu és louco Crisipo. Tenho muita pena de ti.

CRISIPO: É por ser louco que te digo a verdade. Sou agressivo. Uma besta de guerra como a minha mãe. Não tenho mão em mim.

Vai-te acontecer o mesmo com a idade. Preciso engolir as drogas dos médicos e fico pateta. Mas ontem deixei de as tomar.

ANTÍGONA: E por que fizeste isso?

CRISIPO: Sabia que virias a esta casa. Uma amiga tua avisou-me.

ANTÍGONA: Que amiga? Não tenho amigas. Apenas camaradas de exército.

CRISIPO: Precisava estar lúcido para te dizer o que não sabes.

ANTÍGONA: Não acredito em ti.

CRISIPO: Sabes, Antígona, o meu Édipo não matou o pai, porque Laio não era o pai dele.

ANTÍGONA: Não quero ouvir os teus enredos doentios.

CRISIPO: A verdade é doentia. Tens de enfrentá-la. Fui amante de Jocasta muito cedo e fecundei-a com o meu sémen maldito.

ANTÍGONA: Ser eu a neta de um monstro? Ter em cada célula do corpo os teus genes aberrantes? Isso é demasiado horrível.

CRISIPO: Não desdenhes de mim nem da tua estirpe. És comandante militar. Entendes isto melhor do que ninguém. No

tempo em que Laio governava, o Ministério da Defesa levou a cabo experiências genéticas para criar o soldado ideal. Fabricaram um ser híbrido com genes humanos e felinos e asas de ave de rapina. O guerreiro indestrutível. Deram-lhe o nome de Esfinge, como nos mitos antigos. Fizeram-na fêmea para poder procriar iguais a si. Mas ela não quis ser máquina de guerra ao serviço do estado. Revoltou-se e liderou um bando de mutantes das minas. Faziam guerrilha no acesso a Tebas 9.

ANTÍGONA: O meu pai ganhou uma medalha por ter esmagado os revoltosos.

CRISIPO: O meu filho matou a minha mãe e eu não pude evitá-lo. Édipo recebeu uma medalha por chacinar a avó.

ANTÍGONA: Édipo não pode ser teu filho, não pode...

CRISIPO: Por que é que não pode? Porque tens medo que os teus pés se comecem a deformar como os meus e ganhem o pelo dos leões? Porque tremes de horror com a comichão nas omoplatas? Sinal de que as asas te comecem a crescer dia após dia? A acção dos genes far-se-á sentir não tarda muito. Vais ficar violenta, descontrolada. Dizes adeus à carreira das armas. A única solução é tomares as minhas drogas. E ficarás mansa, com os olhos mortiços de ovelha imbecil.

ANTÍGONA: Tens agora o dom de adivinhar o meu futuro.

CRISIPO: E também te leio o pensamento. Não precisas contrariar a lei de Creonte.

ANTÍGONA: Trabalhas ao serviço dele?

CRISIPO: Para quê gerares o clone de um mutante como tu? Polinices matou o irmão e entregou-se aos capangas do teu tio. Sabes porquê?

ANTÍGONA: A tua mãe só tinha um enigma. Mas os teus não têm fim.

CRISIPO: Polinices estava a transformar-se num monstro como eu. O meu neto andava apavorado. Com asas de águia e pés de leãozinho o seu Hémon ia perder a pica de foder com ele. *(Ri-se)*

ANTÍGONA: Não vejo porquê. A minha mãe nunca se enjoou de ti em todos estes anos.

CRISIPO: Vês! Já começaste a levar a sério a nossa história de família. *(Antígona começa a apertar-lhe o pescoço.)* Queres asfixiar-me?

ANTÍGONA: Acabas de roubar a minha vida. Por que não posso eu roubar a tua?

CRISIPO: Sou o teu avô, minha pequena.

ANTÍGONA: Então sigo o exemplo do meu pai. Não dizes tu que ele matou a avó?

CRISIPO: Já é a voz dos nossos genes assassinos a falar em ti. (*Entra Jocasta e aflige-se com o que vê, correndo para afastar Antígona de Crisipo.*)

CENA 16

JOCASTA: Credo, filha! Que estás tu a fazer ao meu homem? Não quero ficar viúva outra vez. (*Para Crisipo, depois de este estar livre das mãos de Antígona.*) Ela fez-te mal? Respira fundo!

ANTÍGONA: Tu lembras-te dos teus maridos, mas não te lembras dos teus filhos. (*Jocasta mune-se dos comprimidos, como se não a ouvisse.*)

JOCASTA: Pois é. Acabou-se a brincadeira. Vais emborcar as drogas do costume. Eu não te quero algemado no meio da casa. (*Antígona apara-lhe a saliva para a amostra.*) Que estás tu a fazer?

ANTÍGONA: Quero confirmar se ele fala a verdade.

JOCASTA: E por que não havia de falar? Não nos venhas arranjar problemas. Temos uma pensão de invalidez que dá para a comida

e para os remédios. Vivemos os dois em paz neste bairro. (*Crisipo começa a ficar sonolento.*)

ANTÍGONA: Está descansada, mãe. Vou-me embora.

JOCASTA: Não queres chocolate?

ANTÍGONA: Sou alérgica.

JOCASTA: Ai, já me esquecia. Mas este cacau é muito bom. Foi uma mulher igual a mim que mo deu. Veio ver-nos ontem. Pois é. Muito simpática.

ANTÍGONA: A Ju esteve aqui? O que veio ela cá fazer?

JOCASTA: Dar-nos chocolate.

CRISIPO: Pediu-me para deixar de tomar os medicamentos... até tu apareceres. Ela queria que soubesses a verdade da minha boca. (*Adormece com a cabeça na mesa.*)

ANTÍGONA: Mas como sabe ela coisas que eu não sei? A Ju é um clone teu, mãe. Que mais é que ela disse?

JOCASTA: Já adormeceu. É tiro e queda. São de efeito imediato. O melhor é provares o chocolate.

CENA 17

Hémon e Ismena conversam ao telefone.

HÉMON: Só tu o podes fazer, Ismena.

ISMENA: Mas o filho de Creonte não sou eu.

HÉMON: Ele já não me vê como seu filho.

ISMENA: Há-de sentir ainda algo por ti...

HÉMON: Raiva, por eu não ser como ele queria que eu fosse.

ISMENA: Tu deixaste de o apoiar em tudo.

HÉMON: O que querias que eu fizesse? Ele representa tudo o que abomino.

ISMENA: Devias vê-lo com outros olhos.

HÉMON: Os tiranos não me seduzem. Não fazem o meu tipo.

ISMENA: Nem o meu. Creonte não é um tirano. É o homem de mão firme que Tebas 9 precisa.

HÉMON: (*Ri-se.*) Mentas com toda a convicção, Ismena. Irás ter sucesso na vida política.

ISMENA: Por que é que me telefonaste?

HÉMON: Já te disse porquê.

ISMENA: Eu não consigo demover Creonte.

HÉMON: Não consegues ou não queres?

ISMENA: Não me agrada nada o que estás a insinuar.

HÉMON: Se Antígona for condenada, tens menos uma opositora.

ISMENA: Nunca desejaria isso à minha irmã, por muito que discorde dela.

HÉMON: Então prova-me o que estás a dizer.

ISMENA: Não preciso provar-te nada.

HÉMON: Convence Creonte a ceder o corpo à família. Tu fazes parte dela. Tens obrigação moral de o exigir.

ISMENA: Polinices era inimigo da ordem pública. Merece ser punido.

HÉMÓN: Não chegou já a morte para puni-lo? (*Aparece Creonte.*)

ISMENA: Eu durmo com Creonte como tu dormias com Polinices. Acaso conseguiste evitar que ele cometesse um atentado suicida?

HÉMÓN: Não compares o que não tem comparação. Creonte está nas tuas mãos como nunca esteve nas de ninguém[, nem mesmo quando Tirésias era Eurídice].

ISMENA: Que disparate! O meu poder sobre ele é limitado. (*Creonte aproxima-se de Ismena.*)

HÉMÓN: Experimenta aplicá-lo e verás.

CENA 18

ISMENA: Agora tenho de desligar. Adeus. (*Hémon desaparece.*)

CREONTE: Era o Hémon ao telefone?

ISMENA: Por que não falas com ele? Eu ligo-lhe de volta.

CREONTE: Nem pensar. Resolvam vocês o assunto.

ISMENA: É assunto que só tu podes resolver.

CREONTE: Não me entendo com Hémon. Imagino o que ele queria. Mas eu não volto atrás de uma decisão que tomei nos ecrãs de Tebas 9.

ISMENA: Foi o que eu lhe disse.

CREONTE: Ele quer que eu lhe entregue o cadáver do amante para se lamentar em público da sua viuvez. Adora fazer *show*. Os *paparazzi* iriam delirar com as fotos das olheiras do meu filho, devidamente maquilhadas. Hémon não merece que eu lhe dê esse prazer.

ISMENA: Por que não mandas destruir de imediato o corpo de Polinices? Não percebo o que estás à espera. Devias tê-lo feito logo a seguir ao teu discurso em directo.

CREONTE: Já não tarda muito, Ismena. Foram só umas horas.

ISMENA: Qual é a intenção da demora?

CREONTE: O que é que te parece? És uma mulher perspicaz.

ISMENA: Anuncias a proibição de clonar o corpo. Dizes que o vais destruir mas entretanto encerra-lo num gaveto de congelação, de um organismo público. Estimulas a fome pelo fruto proibido.

CREONTE: Achas que desejo a infracção da lei que eu próprio decretei?

ISMENA: Não só desejas como a estás a provocar. De outro modo, terias logo dado ordens para desintegrar o cadáver. Eu conheço-te, Creonte. És uma velha raposa.

CREONTE: (*Rindo.*) As raposas são animais extintos. Só existem nos filmes e nos arquivos genéticos dos zoos.

ISMENA: Mas podem ser clonadas, ao contrário do que acontece com Polinices.

CREONTE: Qual é o teu palpite sobre o plano da raposa velha?

ISMENA: Mandaste eliminar o corpo para humilhares o teu filho. Esperas que ele se atreva a desobedecer à tua lei para o condenares à hibernação.

CREONTE: É uma boa hipótese. Sempre deixava de aturar essa flor.

ISMENA: Mas não. O teu alvo é outro. Chama-se Antígona.

CREONTE: E porquê ela?

ISMENA: Porque Hémon é um *entertainer* inofensivo. Não tem vocação política. Mas a minha irmã poderá um dia vir a tê-la.

CREONTE: Antígona? Achas que é por causa dela que atrasei a eliminação do cadáver?

ISMENA: Sim, Creonte. Se a minha irmã cometesse a imprudência de recolher tecidos do morto, tu terias uma bela ocasião para lhe acabar com a carreira. Gostes dela ou não, Antígona é uma militar de prestígio, capaz de mobilizar civis e gente do exército. É uma ameaça viva ao teu poder.

CREONTE: Teorias da conspiração... Antígona não tem estofa de líder fora dos campos de treino para recrutas. Tu sim, minha querida, poderás sonhar um dia com o cargo de Chefe Maior de Tebas 9. Agora a tua mana... Bem pode fechar-se no quartel a carpir a morte do irmão terrorista.

ISMENA: Antígona não é carpideira, é uma mulher de acção.

[CREONTE: Que acção ousará ela fazer neste momento?

ISMENA: Não faço ideia. Não estou dentro da cabeça dela.

CREONTE: Mas vocês são irmãs. Podia ter comentado algo contigo.

ISMENA: Não vejo Antígona há muitas semanas.

CREONTE: E mesmo se a tivesses visto, nada me dirias sobre ela.] És fiel aos do teu clã, acima de tudo.

ISMENA: Por isso é que somos amantes, meu querido. Sou tua sobrinha. Já te esqueceste?

CREONTE: Há um prazer perverso neste nosso incesto.

ISMENA: Noutros tempos, isto seria razão para perdeses a confiança do eleitorado.

CREONTE: Hoje são outros os valores... Nem sequer descí nas sondagens.

ISMENA: Mas há tabus ainda que persistem. Interditos que levam um homem poderoso à hibernação compulsiva.

CREONTE: Isso é profecia ou é ameaça?

ISMENA: Talvez antes um *flash-back*.

CREONTE: Merecias que eu te mandasse para as minas de gelo.

ISMENA: Não me leves a sério e vamos dormir, que a ideia de gelo faz-me dores de garganta.

CENA 19

Antígona está diante do habitáculo vítreo onde Édipo hiberna, imerso em líquido.

ANTÍGONA: Pudesse eu acordar-te, desse sono que escolheste. Preciso de respostas. Queria ouvi-las da tua boca e não de um teste de ADN. *(Toma comprimidos, para aplacar a ansiedade.)* Não costumo encharcar-me em comprimidos, tu sabes isso, pai. Mas o dia de hoje está a ser terrível para mim. Olho para ti e já sinto comichão nas costas. Começaram-me a doer os pés quando saí do bairro dos mutantes. Isto são sintomas histéricos. Não é digno de uma alta patente como eu. *(Aparece Meteco, um guarda do Instituto, interpretado pelo mesmo actor que foi Crisipo.)*

METECO: Deseja alguma coisa, comandante? *(Antígona olha para Meteco, enfurece-se e encosta-o agressivamente contra a parede.)*

ANTÍGONA: Vieste atrás de mim para ver o efeito das tuas mentiras? Por que é que não te apertei o pescoço até ao fim? Não te basta comeres a imbecil da minha mãe? Canalha! Agora divertes-te à minha custa. Onde é que deixaste as asas, Crisipo? *(Levanta-lhe as calças.)* E foste à depilação a *laser* enquanto eu vinha para aqui!?

METECO: Que é isto, comandante? *(Meteco acciona um alarme sonoro.)* Está a confundir-me com outra pessoa. Eu não tenho asas

nem pés de leão como a esfinge. Os meus pais não são mutantes.
(*Antígona larga-o.*)

ANTÍGONA: Mas talvez os meus sejam... (*Jocasta2 aparece.*)

CENA 20

JOCASTA2: O que se passa, Meteco?

METECO: A comandante está fora do seu juízo. Atacou-me assim sem razão. Chamou-me por um nome que não é o meu.

JOCASTA2: Vai, Meteco. Não declares isto no teu relatório de serviço. A comandante ficou transtornada pela morte dos irmãos. Precisa da nossa compreensão.

METECO: Então convém que vá ao médico. Se agora foi comigo, amanhã pode atacar um civil indefeso. (*Sai.*)

CENA 21

ANTÍGONA: Eu não estou a ficar louca. Eu não posso ficar louca. Que se passa comigo, Ju? (*Desesperada, abraça Jocasta2.*)

JOCASTA2: Confundiste o guarda Meteco com Crisipo. É natural. Eles têm feições parecidas.

ANTÍGONA: Mas eu não podia reagir assim, como um animal selvagem. Achas que já me estou a transformar?

JOCASTA2: Em quê?

ANTÍGONA: Num mutante de guerra como a mãe de Crisipo.

JOCASTA2: Que tem a Esfinge a ver contigo?

ANTÍGONA: Crisipo insiste em dizer que é meu avô.

JOCASTA2: Crisipo é um demente. [Não podes dar-lhe ouvidos.

ANTÍGONA: Queria muito falar com Édipo. Para que ele me dissesse que tudo isto não passa de uma ficção. Ajudas-me a acordá-lo?

JOCASTA2: Não podemos, Antígona. É preciso no mínimo três dias para sair da hibernação. Se o acordássemos de repente, ficaria totalmente cego.

ANTÍGONA: Precisava de ouvir o meu pai, agora.

JOCASTA2: Tu não o queres cegar, pois não?

ANTÍGONA: É esta a cegueira que Édipo escolheu. Exilou-se do mundo numa imitação da morte. Crisipo diz que ele se estava a transformar num mutante, e por isso é que quis ser congelado.

JOCASTA2: Tolices sem fundamento.

ANTÍGONA: (*Para Édipo, que hiberna numa cápsula vítrea.*) E se assim for, pai, todos os teus filhos são mutantes. Filhos que somos teus irmãos: eu, a Ismena, o Polinices e o Etéocles. Se isto for verdade, a Esfinge que mataste ganhou o duelo. Tudo o que matamos regressa da morte para nos tirar a vida. Se tu falasses para responder ao meu enigma...]

JOCASTA2: Vais desistir do teu plano por causa dos delírios desse doido? ⁵

ANTÍGONA: Não Ju, nada disso. Apenas fiquei parva com o que ouvi. Se te dissessem que a tua família era outra e que sofrias de uma tara genética, aposto que ficavas nervosa como eu.

JOCASTA2: Não consigo imaginar. Sou apenas um clone com implantes biónicos no cérebro, que me dão as memórias de uma mãe falsa e de uma infância que não tive.

ANTÍGONA: Desculpa, Ju.

⁵ Com a supressão da passagem que lhe antecede, esta fala de Jocasta2 funde duas das suas falas, a saber: «Crisipo é um demente. Vais desistir do teu plano por causa dos delírios dele?»

JOCASTA2: Passemos então ao que interessa. Tens neste frasco a colheita de tecidos do cadáver. O guarda Meteco foi meu cúmplice.

ANTÍGONA: *(Recebe das mãos dela o invólucro vítreo.)* E eu amachei o homem que te ajudou. Obrigada, Ju.

JOCASTA2: Leva isso ao Tirésias. O resto é com ele. *(Antígona parece querer dizer algo mais, mas fica bloqueada.)* O que queres ainda de mim? Fala!

ANTÍGONA: Eu preciso perguntar-te uma coisa senão rebento.

JOCASTA2: O quê, Antígona? Tens de ser breve. Não podes ficar aqui mais tempo. És detida se te apanham com esse frasco.

ANTÍGONA: A minha mãe diz que uma mulher igual a ela a visitou e lhe deu chocolates e falou com Crisipo. Foste tu essa mulher?

JOCASTA2: Sim, Antígona, fui eu.

ANTÍGONA: Mas porquê?

JOCASTA2: Porque pensei que Crisipo soubesse coisas importantes do passado. Coisas capazes de expulsar Creonte do cargo que ocupa. Mas pelos vistos saiu tudo ao contrário. O que Crisipo te contou não nos serve de nada.

ANTÍGONA: Que esperavas tu que ele soubesse?

JOCASTA2: Não sei. Procuo a resposta cá dentro, na memória que os fabricantes gravaram em mim. Mas sou uma cópia pirata. Não tenho acesso ao *software* original. Ninguém reconhece o meu código.

ANTÍGONA: Eu não sou clone e sofro do mesmo mal que tu.

FIM DO 1º ACTO

2º ACTO

CENA 22

Hémon está a testar o som para o espectáculo da noite no Sileno Bar.⁶ Entra Antígona.

HÉMON: Quiseste fazer-me uma surpresa. Não te esperava aqui.

ANTÍGONA: Estou hoje em estado de surpresa permanente. Queria que parassem as surpresas. Começo a ter medo do que vem a seguir.

HÉMON: Ter medo não é próprio de um militar da tua patente.

ANTÍGONA: É Antígona que tem medo, não é a comandante.

HÉMON: O que é que te apavora?

ANTÍGONA: Sinto medo de ser o que sou. (*Hémon abraça-a ao vê-la tão fragilizada.*)

HÉMON: Não és a única viva com medo se si mesma.

ANTÍGONA: Obrigado, Hémon. Pareço uma criança à procura de colo.

⁶ Na encenação de estreia, Hémon (Rui Neto) ensaia uma coreografia com o suporte musical do tema *The Diva Dance*, de Eric Serra (1998).

HÉMON: Não tens de agradecer-me nada. Se os meus braços te consolarem, podes contar com eles. Agora que fiquei só, há lugar para ti na minha casa, se quiseres. Talvez Polinices deseje a nossa união. Eu posso ser pai adoptivo do clone que irás conceber. Se o teu irmão te quer para mãe dele, ninguém melhor que eu para ser seu pai.

ANTÍGONA: Agora já acreditas no meu sonho...

HÉMON: Foste tu a convencer-me. Vem para a minha casa, Antígona. Falo a sério. Andas frágil. Não é bom estares isolada, e a vida do quartel não te ajuda a ser mãe.

ANTÍGONA: Eu preciso resolver isto sozinha. [E andarmos a brincar aos casamentos não me parece solução.] Nem sei se passarei o dia de hoje.

HÉMON: Que conversa é essa?

ANTÍGONA: Nada. É uma maneira de dizer. Desculpa ter interrompido o teu ensaio. Paranóias minhas. Não ligués ao que digo. Adeus. (*Hémon impede-a de sair.*)

HÉMON: Não esperavas que eu te convidasse para viveres comigo, pois não? Julgavas-me sexualmente inofensivo. Vias-me só como o viúvo do teu irmão. Mas agora tornei-me ameaça para a tua fobia afectiva.

ANTÍGONA: Deixa-te disso. Não tenho paciência para que me deites no divã do analista.

HÉMON: Tu só tens amor pelo teu morto.

ANTÍGONA: E tu, Hémon, devias seguir o meu exemplo.

HÉMON: (*Envolve-a num abraço, mas ela repele-o.*) Porquê, Antígona? Por que é que negas a vida, como se fizesses eco do nome que te deram?

ANTÍGONA: Pára de fazer o papel do macho protector que quer cobrir a fêmea. É um papel que não condiz contigo.

HÉMON: São muitos os papéis que a vida nos reserva. Se não estiveres receptiva para os desempenhars, a vida foge-te das mãos.

ANTÍGONA: Se ela me fugir, não é grave a perda.

HÉMON: A tua auto-estima anda muito em baixo.

ANTÍGONA: Tenho de ir ter com Tirésias à clínica. Não posso perder tempo.

HÉMON: Eu vou contigo. E contas-me pelo caminho o que raio te pôs assim tão doentia.

CENA 23

Jocasta2 visita Tirésias na clínica.

TIRÉSIAS: Fiquei inquieto com o teu telefonema.

JOCASTA2: Podemos falar à vontade?

TIRÉSIAS: Nesta sala não há gravadores.

JOCASTA2: Eu não podia dizer-te, sem ser assim, frente a frente, sem câmaras nem ecrãs a vigiar-nos.

TIRÉSIAS: Há muito tempo que não nos encontrávamos.

JOCASTA2: E foi desta clínica que eu saí para o mundo.

TIRÉSIAS: Já não me lembro, Ju. É lastimável.

JOCASTA2: A amnésia é o destino dos vivos. Mas eu sei, Tirésias. Foste tu o meu criador.

TIRÉSIAS: Tempos houve em que me julgava um deus. Um *designer* da matéria viva. Hoje sou apenas um engenheiro genético com a memória avariada.

[JOCASTA2: Como se os dois tivéssemos saído de uma história de Philip K. Dick.

TIRÉSIAS: Nunca li nada dele, ou se li não me lembro.

JOCASTA2: É o meu escritor favorito. Profetizou coisas que são hoje realidade. Criaturas assim como eu. Um clone que guarda o que todos esqueceram ou quiseram esquecer.

TIRÉSIAS: Como é que descobriste isso em ti?

JOCASTA2: O sonho de Antígona fez-me mergulhar numa zona mental desconhecida. Comecei a ter lembranças intrigantes. E depois percebi.

TIRÉSIAS: O que é que percebeste?]

JOCASTA2: Tu guardaste em mim informações perigosas. Sabias que elas corriam o risco de ser apagadas do teu cérebro e puseste-as a salvo no clone que incubavas. Fui a garrafa que lançaste ao oceano, com uma mensagem. [A nave no espaço que alberga segredos.]

TIRÉSIAS: Como é possível eu ter esquecido tudo?

JOCASTA2: Tu previste que isso iria suceder. E quando Antígona me pediu ajuda, essas memórias despertaram como alguém que sai do coma.

TIRÉSIAS: O criador guardou segredos na sua criatura, segredos que ele próprio desconhece. É um bom argumento para um *thriller* teológico.

JOCASTA2: (*Entrega um chip a Tirésias.*) Tens aqui tudo o que encontrei cá dentro. A reconstituição do passado. Antígona irá sofrer muito. A verdade é dolorosa. Mas temos matéria de sobra para Creonte apanhar uma pena das pesadas.

TIRÉSIAS: Afastá-lo do poder seria já bastante.

JOCASTA2: Oiço vozes, Tirésias. Vê tu por ti o que aí está. Farei saber a Ismena ainda hoje aquilo que importa.

TIRÉSIAS: Obrigado, Ju, minha filha...

JOCASTA2: Deve ser Antígona que chega. Não quero que ela me encontre aqui.

TIRÉSIAS: Usa a saída de emergência. (*Tirésias dá um cartão a Jocasta2 e indica-lhe a saída.*) Com este cartão abres as portas. Estão bem sinalizadas. Não te vais enganar. (*Jocasta2 sai.*)

CENA 24

Antígona encontra-se com Tirésias, na clínica.

ANTÍGONA: Estavas a atender alguém e eu vim importunar-te. Ouvi-te conversar.

TIRÉSIAS: Não, Antígona. Eu estou à tua espera. Falava pelo telefone interno com o Dr. Quíron que está na sala ao lado para me ajudar na intervenção. Ele é da máxima confiança. Vieste sozinha?

ANTÍGONA: O Hémon veio comigo. Ficou lá fora. Se precisares dele, podemos chamá-lo.

TIRÉSIAS: Por agora não. Tens a certeza do que queres fazer?

ANTÍGONA: Sim, Tirésias. Trago aqui a colheita de tecidos que a Ju extraiu do corpo de Polinices. Ela arriscou-se a muito. *(Entrega o frasco a Tirésias.)*

TIRÉSIAS: Orgulho-me de ela ser um fruto meu.

ANTÍGONA: Por que é que criaste um clone da minha mãe? *(Tirésias não responde.)* Já não te lembras? Também quiseram que te esquecesses disso...

TIRÉSIAS: Era comum fazerem-se clones de figuras públicas[: políticos, estrelas pop, gente da socialite]. Muitos eram de criação clandestina. No caso de Jocasta², não sei se foi encomenda da família.

ANTÍGONA: Ou uma iniciativa tua. Nessa altura pertencias à família.

TIRÉSIAS: Talvez. Tudo é possível acontecer em Tebas 9.

ANTÍGONA: Estou a confirmar isso mesmo. Tens aqui a amostra de saliva de Crisipo. (*Dá-lhe a amostra.*) Ele insiste em dizer que é meu avô. Se calhar tem razão. É provável que me esteja a transformar numa esfinge.

TIRÉSIAS: Não se pode levar à letra o que ele diz.

ANTÍGONA: Gostava de saber ao certo o que me espera.

TIRÉSIAS: (*Insere a amostra num computador da clínica.*) Vais saber a resposta dentro de momentos.

ANTÍGONA: Tenho pressa, Tirésias, muita pressa. Quero começar a gerá-lo ainda hoje, antes que lhe desfaçam o cadáver. É uma mística minha.

TIRÉSIAS: Vamos então ver o filme dos teus interiores. Podes deitar-te para a ecografia. (*Antígona deita-se numa marquesa e Tirésias*

ecografa-lhe o ventre. Ele passa repetidamente o sensor manual na mesma área e não esconde alguma perturbação.) Tens tido o teu ciclo normalmente?

ANTÍGONA: É bastante irregular. Falha muitas vezes, mas eu não estranho. A actividade física intensa produz nas mulheres ausências menstruais. E tu sabes que eu exagero com frequência. Para libertar o stress.

TIRÉSIAS: És uma viciada em ginásios.

ANTÍGONA: Já fui pior. Muito pior. Vês algum defeito nas minhas tubagens?

TIRÉSIAS: Esta máquina não me parece em condições.

ANTÍGONA: Qual máquina? A minha?

TIRÉSIAS: Não, eu referia-me a esta máquina de ultra-sons. A imagem que me dá no ecrã está ilegível. Não sei o que se passa.

ANTÍGONA: Então e agora, o que é que se faz?

TIRÉSIAS: O Dr. Quíron tem uma máquina idêntica na sala dele, aqui neste piso. Eu aviso-o e ele faz-te a ecografia.

ANTÍGONA: Eu preferia que fosses tu a fazê-lo.

TIRÉSIAS: Com o Quíron estás em boas mãos. Ele veio para colaborar connosco. (*Tirésias fala com Quíron pelo comunicador interno.*) Quíron, a Antígona vai fazer contigo a ecografia ao útero. Pode ser? Estou com problemas na obtenção de imagem. Sim. Ela vai de imediato. (*Tirésias faz sinal a Antígona, indicando-lhe a saída.*) É a primeira porta ao fundo do corredor. (*Depois de ela sair, em voz mais baixa para Quíron.*) Ouve, Quíron, diz-lhe por favor tudo aquilo que vires na ecografia. Eu não fui capaz de lho dizer.

CENA 25

Entra Hémon.

HÉMON: O que é que se passa com Antígona? Não era suposto ser a mãe a realizar os testes?

TIRÉSIAS: Pedi ao Quíron para lhe fazer o exame. Desculpei-me com uma avaria no sistema. Não consegui dizer-lhe o que vi. Ela queria muito implantar hoje o clone. Vai ficar destroçada.

HÉMON: O que é que viste de tão grave?

TIRÉSIAS: O ventre de Antígona não pode gerar filhos. Ela possui um útero infantil. Não se desenvolveu com a adolescência. Se tentássemos implantar o clone, faria aborto espontâneo na melhor das hipóteses.

HÉMON: E não há solução para isso? A ciência que te fez mulher e homem outra vez não sabe resolver um pequeno defeito de fabrico como esse? Eu nasci de ti de um útero transplantado. Faz-se o mesmo com Antígona e ela torna-se uma mulher fértil.

TIRÉSIAS: Claro que isso é perfeitamente possível. O problema é o tempo, filho, o tempo... Antígona quer começar hoje a gerar o clone do irmão. E nem quer ouvir falar em incubadoras...

HÉMON: Eu sei... desde que teve aquele maldito sonho. Ela acredita que se não começar hoje a gravidez, o espírito de Polinices já não regressa ao mundo dos vivos.

TIRÉSIAS: Ela sempre foi muito teimosa.

HÉMON: Mas esta faceta dogmática é para mim novidade. Parece uma fundamentalista.

TIRÉSIAS: Não lhe digas isso dessa maneira. Ela está vulnerável.

CENA 26

Antígona entrou sem que Tirésias e Hémon se apercebam.

TIRÉSIAS: (*Chama a atenção de Hémon para que ele olhe para um ecrã de monitor.*) Olha para aqui.

HÉMON: O que é que isso significa?

TIRÉSIAS: Significa que não temos notícias boas para dar a Antígona. Vês? É a leitura genética do ADN de Crisipo, o mutante filho da Esfinge. Ao lado, tens a sequência do ADN de Antígona. Ambos partilham muitos genes em comum.

HÉMON: E não é isso próprio da espécie humana?

TIRÉSIAS: Sim, filho, mas neste caso significa que Antígona é descendente de Crisipo. Ele não mentiu ao dizer-lhe que era avô dela.

HÉMON: Trágica ironia. Não bastava Antígona ser filha de incesto entre mãe e filho. Além disso, é também mutante, bisneta da cobaia que o exército criou. [A Esfinge que Édipo matou foi criada para ser o guerreiro indestrutível. E Antígona seguiu a vocação imposta à bisavó, ao escolher a carreira das armas.] (*Antígona reage, aproximando-se de ambos.*)

ANTÍGONA: Falas de mim como se eu fosse alguém que já morreu. E tens razão. Estou na linha de fronteira entre vivos e mortos.

HÉMON: Estavas aqui connosco!

TIRÉSIAS: Como te sentes, Antígona?

ANTÍGONA: Sou alguém a quem roubaram o passado e o futuro. Tenho descoberto demasiadas coisas sobre mim num só dia. Não tarda, meus amigos, estou com umas asas de fazer inveja às águias de cativo; e uns pés de leoa [africana].

HÉMON: E não haverá maneira de contrariar a acção dos genes mutantes?

TIRÉSIAS: Preciso estudar o caso com o Quíron. Temos de encontrar uma terapia genética para bloquear a metamorfose. (*Para Antígona.*) Tu és da terceira geração depois da Esfinge. Os efeitos da mutação devem estar atenuados. Confia em mim. Eu e o Quíron havemos de achar a solução.

ANTÍGONA: Não é isso o que mais me dói.

TIRÉSIAS: Eu sei, Antígona. Não tive coragem de to dizer.

ANTÍGONA: No teu lugar eu talvez fizesse o mesmo. Entregava a um estranho a missão de mensageiro...

[HÉMON: Como é que o Dr. Quíron te deu a informação?

ANTÍGONA: Com sensibilidade e profissionalismo.

TIRÉSIAS: Quíron é um *gentleman*.

ANTÍGONA: Isso não diminui a minha raiva.] Já não posso ser a mãe do meu irmão.

TIRÉSIAS: Por que é que não esperas até te implantarmos um útero viável?

ANTÍGONA: Seria tarde demais. Esta era a hora certa. Esperar não me é possível.

TIRÉSIAS: Vou ter com o Quíron. Temos de trabalhar contra o tempo. (*Para Hémon.*) Tenta tu dar esperança a Antígona. É do que ela precisa agora. (*Sai.*)

CENA 27

ANTÍGONA: Não vale a pena perderes tempo comigo. Vai preparar o teu *show*.

HÉMON: Tu precisas de ajuda. E o meu *show* está ensaiado.

ANTÍGONA: Sabes, Hémon, acho que encontrei finalmente o sentido do sonho.

HÉMON: Para que insistes nisso? Foi um delírio da droga, nada mais.

ANTÍGONA: Se não fosse aquele sonho, eu não viria a descobrir estas coisas sobre mim. O meu irmão quis que eu tomasse consciência disto. Lembras-te da urgência dele, ao dizer-te que já não tinha tempo para esperar, quando saiu para cometer o atentado suicida? Não era só Creonte que ele queria matar. Era também o seu próprio corpo de mutante, que ele sentia já a transformar-se. Polinices correu para a morte e pediu-me para nascer outra vez. Mas não é ele que precisa renascer. Sou eu. Ele já se libertou do corpo mutante. Eu ainda não.

HÉMON: Estás a ser conquistada pelo prazer da morte.

ANTÍGONA: É um apelo irresistível. Se eu não posso dar vida a Polinices, é ele que me vai dar a liberdade.

HÉMON: Não, Antígona! Já perdi Polinices. Não te quero perder a ti também.

ANTÍGONA: Eu já me perdi de mim mesma.

HÉMON: Deixa-me ajudar-te.

ANTÍGONA: Se isso fosse possível.

HÉMON: Basta que tu o queiras.

ANTÍGONA: Então deixa-me ficar só. Preciso pensar na minha vida. Não quero falar mais agora.

HÉMON: Está bem. Vou ver se Tirésias e Quíron já fizeram progressos. Volto daqui a pouco. Ficas bem?

ANTÍGONA: Fico.

CENA 28

Uma vez a sós, Antígona faz um telefonema.

ANTÍGONA: Quero fazer uma denúncia às autoridades... Quem eu sou não interessa. Basta que procedam de acordo com o meu aviso. Dentro de um quarto de hora, poderão deter uma infractora que fez colheita de células no cadáver de Polínicos. Essa mulher encontra-se no Instituto de Hibernação de Tebas 9. É provável que no momento da detenção ela já esteja grávida com o clone do morto. É jovem e veste de preto. Eu não a conheço. Não sei o nome dela. *(Desliga e sai.)*

CENA 29

JOCASTA2 e Meteco no Instituto de Hibernação

METECO: Houve uma denúncia anónima feita por uma voz de mulher. Recebi ordens da polícia para deter uma jovem vestida de preto que irá aparecer aqui no Instituto dentro dos próximos minutos.

JOCASTA2: De que é que acusam a moça?

METECO: Daquilo em que fui cúmplice consigo.

JOCASTA2: A colheita no cadáver?

METECO: Sim. E se alguém nos viu?

JOCASTA2: Nada tens a temer. Iludimos as vigilâncias electrónicas. Tu és homem e eu não estou vestida de preto e sou madura demais para me chamarem jovem.

METECO: Quem será a denunciante?

JOCASTA2: Talvez a própria jovem que veste de preto. Em breve o saberás. Eu tenho um assunto urgente a tratar com Ismena. Vou ausentar-me mas ainda volto hoje ao serviço.

METECO: E se a jovem de preto for quem eu receio que seja?

JOCASTA2: Terás de proceder à detenção em qualquer caso, se quiseres salvar a pele e o emprego. Mas não te preocupes. Muitas coisas estão para mudar em Tebas 9. Até logo.

METECO: Adeus D. Ju. Confio em si.

JOCASTA2: É o melhor que tens a fazer. (*Sai.*)

CENA 30

Antígona chega junto de Meteco. Vem vestida de preto.

METECO: Comandante!

ANTÍGONA: Podes prender-me, Meteco.

METECO: Mas porquê?

ANTÍGONA: Porque eu sou a jovem vestida de preto por quem tu esperas.

METECO: Não percebo nada. A comandante é inocente.

ANTÍGONA: Não existem inocentes, Meteco. Eu estou grávida com o clone proibido e fui eu que sabotei as câmaras de vigia para retirar células do corpo do meu irmão. É esta a verdade oficial. Irás ouvi-la hoje no jornal das oito. Não te agrada sabê-lo? E serás entrevistado como o herói do dia que algemou a criminosa. Vão considerar-te um modelo exemplar da mão de obra imigrante que engrandece Tebas 9.

METECO: Sim, comandante. Mas isso não é justo.

ANTÍGONA: Ora Meteco, a justiça é uma mulher estrábica que perdeu os óculos; além disso, ela carrega nas mãos uma

balança pesada, mas a coitada padece de muitas hérnias discais ao longo da coluna. Daí já podes adivinhar a qualidade das suas sentenças.

METECO: A sua verdade isenta-me de toda a culpa.

ANTÍGONA: É o que se chama uma verdade correcta. Podes dar o alarme de que acabas de prender-me.

METECO: Tem a certeza?

ANTÍGONA: Estás à espera que eu fuja? (*Meteco dá o alarme.*)
Calculo que alguém irá aparecer já a seguir para me ver.

METECO: A Ju saiu para tratar de um assunto.

ANTÍGONA: Não é à Ju que eu me refiro. É ao figurão que nos governa. A ratazana-mor de Tebas 9 desloca-se depressa pelo esgoto da colónia. Tem uma curiosidade mórbida.

METECO: De facto, o chefe-maior acaba de chegar ao Instituto.

[ANTÍGONA: Vês? Eu já calculava.]

CENA 31

Creonte chega junto de Antígona, algemada por Meteco.

CREONTE: (*Para Meteco.*) Você tem a certeza de que não errou a identificação da presumível culpada?

METECO: Eu sei, sr. Presidente, mas a comandante Antígona declarou-se responsável pelas ações de que é acusada.

ANTÍGONA: Não imaginava que a minha detenção merecesse honras de estado. Sou uma cidadã tão especial que até o presidente em pessoa me vem saudar no momento em que sou capturada. O tio quer ser o meu advogado de defesa?

CREONTE: Por que insistes em provocar-me? Não bastou atentares contra a minha autoridade?

[ANTÍGONA: E tu atentaste contra a minha integridade e a do meu irmão. Está no meu direito gerar um clone dele. A tua proibição é ilegítima.

CREONTE: Polinices é um inimigo de Tebas 9 que me tentou assassinar. E um homem, também teu irmão, morreu a defender-me. No cargo em que estou, não me é permitido agir de outro modo.

ANTÍGONA: Por nunca agires de outro modo é que Polinices cometeu essa loucura.

CREONTE: E tu seguiste-lhe as pisadas. Não posso abrir excepção à lei que decretei só pelo facto de seres minha sobrinha.

ANTÍGONA: De ti não esperava outra coisa. Polinices também é teu sobrinho e tu continuas a castigá-lo mesmo depois de morto.

CREONTE: Os cargos de estado devem estar dissociados da família.

ANTÍGONA: Isso é uma boa tese que a realidade adora invalidar. Se não fosses irmão da minha mãe, nunca chegarias onde estás hoje.]⁷ Beneficiaste da glória e da ruína do meu lar. Édipo e Jocasta abriram-te as portas do poder em Tebas 9. E onde estão eles agora? A minha mãe ficou demente nem eu sei porquê, e o meu pai hiberna como os ursos num Inverno infinito.

CREONTE: E tu vais fazer-lhe companhia, Antígona, por muito que me custe. A pena por infringir o interdito é a hibernação por tempo a definir em assembleia do senado.

ANTÍGONA: Queres neutralizar-me para que me torne morta viva à imagem do meu pai. Mas tu vais condenar à congelação não uma, mas duas pessoas, porque eu já trago o embrião de Polinices no meu ventre.

⁷ Na versão cénica, esta fala de Antígona começa com a frase: «A tua autoridade é ilegítima.»

CREONTE: Não te incomodes com isso. A hibernação não vai fazer mal ao teu clone. Apenas lhe suspende o desenvolvimento assim como te impede a ti de envelhecer. Irão dormir os dois um sono longo e glacial. E quando acordarem outra vez, intactos, talvez eu próprio nem esteja já vivo para ver nascer o duplo desse homem que tanto me odiava. Dou-vos uma chance de viverem no futuro imprevisível. (*Para Meteco.*) Leve a comandante para o bloco de hibernação. Assegure-lhe todos os preparativos prévios para um sono tranquilo a trinta graus negativos. Pode dar-lhe um habitáculo na mesma sala onde se encontra o pai dela. Pai e filha ficarão lado a lado no silêncio do gelo.

ANTÍGONA: Creonte, tu não te envergonhas daquilo que me fazes?

CREONTE: Deves é estar-me grata por eu deixar vivo em ti o embrião de Polinices. (*Para Meteco.*) Leve-a já depressa antes que eu me arrependa.

CENA 32

Ismena chega a casa onde Jocasta2 a aguarda.

ISMENA: Não foi fácil para mim sair dos estúdios. Os serviços noticiosos estão num alvoroço. Uma mulher acaba de ser detida no teu Instituto. Espero que Antígona não tenha perdido o juízo.

JOCASTA2: Ainda bem que vieste. Preciso falar-te com urgência.

ISMENA: E tinha de ser hoje e agora?

JOCASTA2: Não pode ser mais tarde, Ismena. Há coisas muito graves que deves conhecer.

ISMENA: Estás a assustar-me, Ju.

JOCASTA2: Não é essa a intenção. Se eu te disser que sei porque é que Jocasta e Tirésias foram sujeitos a lavagens ao cérebro, quando Antígona era ainda criança. Se eu te disser que tenho na mão dados suficientes para condenar Creonte à hibernação compulsiva...

ISMENA: Onde foste tu buscar informações dessas?

JOCASTA2: Descobri-as em mim, na memória que Tirésias me inseriu ao fabricar-me.

ISMENA: E recebeste de repente a iluminação de um momento para o outro. Uma espécie de *download* mental ao fim de tantos anos...

JOCASTA2: Eu já esperava esse teu cepticismo. Por isso é que não te vou dizer nada directamente.

ISMENA: Então chamaste-me para quê?

JOCASTA2: Para seres testemunha oculta de um encontro. Pedi a Creonte para vir aqui a casa e tu vais presenciar a nossa conversa pelas câmaras de segurança. Ele deve estar a aparecer.

ISMENA: Como é que o persuadiste para vir aqui falar contigo?

JOCASTA2: Eu sei quem é a mulher que acaba de ser presa.

ISMENA: Tu hoje sabes tudo. Pareces membro dos serviços secretos.

JOCASTA2: O Meteco enviou-me uma mensagem. Os teus receios confirmam-se. Foi Antígona que se entregou como culpada.

ISMENA: A minha irmã enlouqueceu de vez.

JOCASTA2: Telefonei ao Creonte e avisei-o de que Antígona está inocente. Disse-lhe que ela está a encobrir outras pessoas que constituem ameaça para ele.

ISMENA: Fizeste *bluff*. E Creonte foi na conversa? Sempre quero ver como é que te safas desta.

JOCASTA2: Eu sei o que faço, Ismena. Só te peço isto. Não tires os olhos do monitor que filma esta sala. Ou muito me engano ou será uma gravação com interesse para o jornal da noite.

ISMENA: Creonte chegou à recepção do prédio.

JOCASTA2: Para todos os efeitos, tu não estás em casa, ouviste?

ISMENA: Sim, Ju, eu deixo-te o meu amante todo só para ti. (*Sai.*)

CENA 33

Entra Creonte. Usa luvas negras.

CREONTE: A vossa entrada está às escuras. O que é que se passa?

JOCASTA2: O sistema electrónico de segurança avariou-se há meia hora. As luzes do *hall* e as câmaras de vigilância do apartamento estão todas desligadas. Já liguei para a assistência técnica, mas o piquete só pode vir daqui a duas horas.

CREONTE: Os piquetes de assistência costumam ser mais céleres.

JOCASTA2: Hoje pelos vistos estão muito lentos.

CREONTE: Estás sozinha em casa?

JOCASTA2: Sim. A Ismena vai ficar nos estúdios até tarde.

CREONTE: Espero que não me faças perder tempo, Ju. Que conspiração é essa de que me falaste?

JOCASTA2: É uma conspiração antiga de que tu foste o actor principal.

CREONTE: Não entendo o que dizes.

JOCASTA2: Devias libertar Antígona. Ela está inocente da acção que diz ter praticado.

CREONTE: Que garantias tens tu disso?

JOCASTA2: Não preciso garantias. Fui eu que recolhi as células de Polinices para o clone. O Instituto é o meu local de trabalho.

CREONTE: Eu compreendo que a queiras defender, pelo afecto que lhe tens. Mas não vale a pena incriminares-te inutilmente. Antígona confessou o que fez e entregou-se à justiça.

JOCASTA2: Também tu te devias confessar culpado de um crime ignóbil que fizeste contra ela há muitos anos atrás.

CREONTE: Que queres insinuar com isso? Eu tornei-me tutor de Antígona depois do meu cunhado rejeitar o mundo e da minha irmã ficar demente. Olhei por Antígona como se fosse pai dela.

JOCASTA2: Não é próprio de um pai abusar sexualmente de uma filha.

CREONTE: Tu tens consciência do que me acabas de acusar? Quem é que semeou essa infâmia na tua cabeça de clone?

JOCASTA2: Ninguém. Sou eu que me recordo de tudo, como se fosse comigo. Armazeno memórias de outras pessoas. Memórias que tu destruístes nelas, mas que sobrevivem nítidas na minha cabeça de clone. A imagem na memória de Jocasta quando te encontrou em casa a violar a pequena Antígona, que tu embebedaste. A memória de Eurídice que sabia da obsessão doentia que nutrias pela tua sobrinha, mas não conseguiu impedir-te, [depois de Édipo renunciar a tudo]. Por isso enviaste para o manicómio a tua irmã de quem eu sou cópia. Mandaste os médicos teus cúmplices apagarem-lhe a memória e Jocasta acabou por sair louca do hospício. Fizeram o mesmo a Eurídice, mas ela não perdeu a razão e voltou a ser Tirésias... Não sei como é que Antígona processou o esquecimento do que lhe fizeste. [Talvez tenha sido outra cobaia nas mãos dos teus médicos. Ou] talvez a sua mente de criança tenha bloqueado a memória traumática. As crianças têm modos insondáveis de lidar com o sofrimento.

CREONTE: *(Aproxima-se dela e esfrega-lhe os braços com ambas as mãos, como se a afagasse, enquanto fala para ela.)* Como é possível que tu saibas essas coisas que estão sepultadas no passado e que lá devem continuar? *(Jocasta afasta-se dele, incomodada.)*

JOCASTA2: Apagaste todas as pistas menos uma: eu. Conseguiste esconder o crime para chegares a presidente, mas a tua carreira termina hoje mesmo, quando Tebas 9 souber quem és.

CREONTE: Não tenhas tanta certeza. Quem mais sabe disto além de ti?

JOCASTA2: Ninguém. Eu quis confrontar-te primeiro com a verdade.

CREONTE: As verdades são borboletas incómodas. Devem ser colecionadas como elas, mortas e inertes, espetadas num expositor com legendas. Foste uma ingénua e escolheste mal o dia.

JOCASTA2: Não vejo porquê.

CREONTE: Logo hoje em que os sistemas de segurança se avariaram e tu não podes gravar a nossa conversa. (*Jocasta2 começa a sentir-se mal e a perder o equilíbrio.*)

JOCASTA2: O que é que tu me fizeste, assassino?

CREONTE: E nada nem ninguém poderá testemunhar a tua breve agonia. Que pena. Tanta memória preciosa para se extinguir de forma tão rápida. Esfreguei-te nos braços um desses venenos tecnológicos com que Polinices me tentou matar. Já te está a destruir o sangue. Vais deixar de me ouvir não tarda nada. Hoje há formas de matar e de morrer tão

invisíveis. Mas se vires bem, é justo o que faço contigo. Polinices queria aniquilar-me. Tu tentaste fazer o mesmo. Destruir-me a reputação e expulsar-me do poder. Quiseste matar-me, e eu agi em legítima defesa.

JOCASTA2: Não grites vitória antes do tempo. Houve uma mentira fatal em tudo o que te disse...

CREONTE: Que mentira foi essa? (*Abana Jocasta2 mas ela, prostrada no chão, já é incapaz de falar e perde os sentidos.*) Fala, minha estúpida! O veneno é tão instantâneo que já nem a deixa responder-me.

CENA 34

Entra Ismena.

ISMENA: Mas respondo-te eu, meu querido tio.

CREONTE: Tu estás aqui, Ismena?

ISMENA: Estou sim, tio.

CREONTE: Tu nunca me chamas tio.

ISMENA: É o único laço que nos resta, o do parentesco. Desse não me posso ver livre. (*Visivelmente comovida, verifica os sinais vitais nulos de Jocasta 2, caída no chão. Creonte tenta aproximar-se*

dela, mas Ismena repele-o antes que ele lhe toque.) Não me toques, crápula! Sobrou veneno para acabares também comigo? Mataste duas vezes a minha mãe.

CREONTE: Este clone não era tua mãe. Apenas uma réplica dela.

ISMENA: Ela foi para mim a mãe que me roubaste.

CREONTE: Não há razão para nos tornarmos inimigos. Sempre foste a minha adepta número um. Sem ti eu não teria sido eleito.

ISMENA: E continuo a fazer propaganda da tua pessoa. Ainda hoje irá para o ar um excerto seleccionado da conversa que tiveste com a Ju, incluindo o momento em que ela morre assassinada por ti.

CREONTE: Tu não me farias uma coisa dessas...

ISMENA: Já fiz, meu querido tio. Será um pico absoluto de audiências.

CREONTE: Foi essa a mentira dela antes de perder o pio...

ISMENA: Claro, meu ingénuo. Caíste numa armadilha tão banal. Não houve avaria nenhuma nos sistemas de vigilância. Está tudo gravado em três dimensões. A cena era perfeita se fosse cinema. A tragédia é ter eu perdido a Ju para sempre. Mas o homicídio não foi em vão. É o visto que assinaste para ires dormir no gelo ainda hoje.

CREONTE: Estás contente com o que fiz, não é? Podes conquistar a presidência de Tebas 9 muito antes do previsto. Com os media na mão, fabricas a campanha ideal para te levar à maioria absoluta.

ISMENA: Sou filha de Édipo, um presidente querido na memória de todos, ao contrário de ti. Não deixarás saudades. E há uma nostalgia dinástica em todas as repúblicas. Isso jogará a meu favor. (*Acaricia o rosto da morta.*) Ju, minha corajosa, a tua morte não foi perdida. (*Ouvem-se sirenes policiais.*)

CREONTE: Tu chamaste a polícia?

ISMENA: Houve aqui um crime de assassinato, ou já te esqueceste? (*Creonte tenta encontrar saída como um animal encurralado.*) O edifício está todo cercado.

CREONTE: Nunca esperei isto de ti, Ismena.

ISMENA: Isto o quê?

CREONTE: A traição, a maior das traições.

ISMENA: Vivíamos ambos enganados. Quem tu desejavas era a minha irmã Antígona. Ainda bem que ela não se lembra de ser violada pelo tio em criança. Há na vida amnésias que são terapêuticas.

CREONTE: Entregas-me aos carrascos.

ISMENA: Não mereces outro destino.

CREONTE: Um dia estarás tu no meu lugar.

ISMENA: Eu sou muito diferente de ti. Não tenho no passado crimes como os teus. [Não preciso mandar apagar a memória de inocentes para ser vencedora.]

CREONTE. Tu és parecida comigo. Muito mais do que pensas.
(*Chegam os polícias.*)

ISMENA: Levanta os braços, tio! A polícia chegou.

CENA 35

Antígona e Meteco estão no Instituto junto de uma cápsula de hibernação. Meteco segura uma seringa. Antígona, descalça, veste um fato semelhante aos usados pelos mergulhadores, próprio para a hibernação.

ANTÍGONA: Eu não vou injectar essa droga nas veias.

METECO: Mas isto não é uma droga. É um soluto hibernal de origem biológica. Foi extraído de rãs que sobrevivem à congelação. Esta fórmula adaptada ao corpo humano permite-nos hibernar sem danos fisiológicos.

ANTÍGONA: Se eu não levar isto, vou morrer gelada quando me fechar ali, não é assim?

METECO: Exactamente.

ANTÍGONA: Pois é isso mesmo que eu quero.

METECO: Não percebo.

ANTÍGONA: Nunca sentiste o apelo da morte?

METECO: Confesso que não.

ANTÍGONA: És um felizardo. Talvez vivas toda uma vida sem o descobrires. É um conhecimento que não te desejo. Perceber que a vida é uma experiência medíocre. Sentir que cada um de nós é o passatempo fútil de um deus louco, que se ri à nossa custa. E nós vamos mantendo a vida a todo o preço, programados pelos genes. Como se isto fosse o bem mais valioso do universo. Achas que o gado de matança gostaria de viver se tivesse consciência de que o estábulo onde fossa termina no matadouro?

METECO: Mas nós não somos gado. Somos pessoas.

ANTÍGONA: A vaca se falasse também não dizia que é gado. Exclamava, cheia de vaidade: eu sou uma vaca! (*Ri-se.*) A única diferença é que nós não vemos os nossos tratadores. Eles escondem-

se e nós julgamos que somos donos e senhores da vidinha miserável. Tudo isto não passa de uma farsa patética. A começar por este corpo de verme em que nos enfiaram os *designers* do cosmos. Um péssimo gosto em figurinos. Já te olhaste bem no espelho? Vestido ou despido, tanto faz. Somos seres horríveis. Galinhas depenadas, sem bico nem asas.

METECO: Eu não acho que o corpo humano seja assim tão feio. Há beleza na nossa anatomia.

ANTÍGONA: Só se for na sala da morgue. Precisas de óculos. [A mim até os *top models* me dão vontade de vomitar.] Olho para eles e para elas, [nos desfiles de moda e filosofo.] Belos exemplares de uma espécie primitiva. Cheiramos mal de todos os buracos. Para extrairmos energia da comida precisamos fabricar toneladas de merda. Somos retretes ambulantes. Tu sabes quantos quilos de trampa e de mijo uma pessoa é capaz de transportar dentro de si?

METECO: Não faço a mínima ideia.

ANTÍGONA: Nem eu. Mas deve ser um peso bruto. E depois o sexo. Esta coisa de se fazer amor com os canos de esgoto. É o que eu chamo uma divina humilhação. O êxtase da foda estar entregue aos nossos tubos de escape. Ah! E o milagre do nascimento é como evacuar uma pedra dos rins. Um pedregulho aos berros. Então quem nos fez não podia ter arranjado uma maneira mais higiénica de arrumar o boneco?

[METECO: Eu não lhe sei responder. Nunca estudei filosofia. Isso já não se ensina nas escolas.

ANTÍGONA: É a decadência do ensino. Mas há coisas que não se aprendem. Nascem e partem connosco.]

METECO: Tenho de injectar-lhe o soluto hiberna. Está na hora da mudança de turno.

ANTÍGONA: Para mim também, o turno terminou. Fartei-me desta guerra.

METECO: Eu não posso deixá-la entrar na cápsula sem lhe injectar isto primeiro. Caso contrário serei eu o responsável pela sua morte. Acabarei condenado ao gelo numa urna dessas. Você quer matar-se mas, por favor, não me estrague a vida!

ANTÍGONA: Então e se injectasses tu a droga?

METECO: Não estou a ver...

ANTÍGONA: O que é que te acontecia?

METECO: Perdia os sentidos. O metabolismo baixava muito até a um limiar mínimo.

ANTÍGONA: Mas não morrias?

METECO: Não, caso fosse socorrido nas próximas horas.

ANTÍGONA: Então é isso que se faz. Para todos os efeitos eu roubei-te a agulha das mãos. (*Tira-lhe a agulha.*) E depois injecto-te com ela, ameaçando-te de morte com a tua arma pessoal que eu própria te roubei. (*Tira-lhe a arma da cintura.*) Sou uma gaja perigosa.

[METECO: Antígona, você precisa de psicoterapia. Eu posso dar-lhe o nome de um clínico excelente que curou a depressão da minha mulher. Tenho aqui o contacto dele na carteira (*Tira a carteira do bolso.*)

ANTÍGONA: É a segunda vez hoje que me mandas ir ao médico. Estás-me a dar conversa. Deviam era ter destacado mais seguranças para fazer este serviço. Quiseram poupar e foi no que deu. (*Ameaça-o com a arma. Voz baixa.*)] Vá. Isto tem de ser feito à séria porque as câmaras registam tudo. E tens de ser tu a injectar-te senão dou-te cabo do braço à procura da veia. Enfermagem não é comigo.

METECO: Tem a certeza que é isto que quer, minha comandante?

ANTÍGONA: Deixa-te de pieguices. Salvo-te a vida e tu salvas-me a morte. (*Ela aponta-lhe a arma, Meteco injecta-se com o soluto e cai inanimado. Antígona faz um último telefonema para Hémon.*)

CENA 36

Hémon não atende e Antígona deixa uma mensagem gravada.

ANTÍGONA: Hémon, sou eu, Antígona. Telefone-te para casa porque não quero que atendas. É melhor assim. A minha voz gravada. Uma mensagem póstuma. Vou pôr termo a isto. Quero despedir-me. Agradeço-te a amizade. Mas já nada podes fazer. Vou ter com Polinices. Eu sei que ele estará à minha espera. Estou farta de mim. Somos uma droga mortal para nós mesmos. Cansei-me de viver em Caronte. E não há outros lugares que me seduzam na prisão da vida, a não ser este destino que ainda desconheço. Vi morrer tantos soldados em missões de guerra. Já estou acostumada. Chegou a minha vez. *(Mete um pé dentro da cápsula de gel de congelação.)* Isto é mesmo muito frio. Será o meu último banho. Dá um beijo ao Tirésias. Não fiquem tristes por minha causa. Eu não procuro a morte, procuro a liberdade. *(Entra na cápsula de congelação e encerra-se lá dentro.)*

CENA 37

Ismena dá uma conferência de imprensa.

ISMENA: Obrigada por terem comparecido. Resolvi convocar esta conferência de imprensa porque é urgente fazer uma declaração pública de ordem pessoal. Como apoiante que fui de Creonte, desde longa data, impõe-se que neste momento clarifique a minha posição, perante os

factos graves hoje revelados do seu passado, bem como pelo homicídio por ele praticado que eu própria testemunhei. [É crucial para mim juntar a minha voz ao coro de indignação que muito justamente se faz ouvir entre os cidadãos de Tebas 9.] Creonte não possui mais condições para exercer o cargo de presidente da colónia. A sua carreira política terminou hoje mesmo desta forma chocante e lamentável. Mas enquanto Creonte aguarda julgamento em prisão hibernante, conforme a lei o prevê, um novo ciclo se abrirá na nossa vida colectiva. Anuncio por isso desde já a minha inteira disponibilidade para me candidatar à presidência de Tebas 9, nas eleições a disputar em data a determinar pelos órgãos competentes. Sinto que posso e devo dar o meu contributo pessoal à nossa comunidade numa conjuntura penosa e traumática como é aquela que hoje se manifestou diante de todos. Obrigada pela vossa atenção. Estou agora à disposição dos presentes para as perguntas que considerarem oportunas.

CENA 38

[Hémon e Tirésias aparecem na sala de hibernação do Instituto e tentam reanimar Meteco. Tirésias vê-lhe o pulso.]

TIRÉSIAS: Ele quase não tem pulso.

HÉMON: Olha a cor dos lábios. E a seringa não deixa enganar.

TIRÉSIAS: *(Chama dois guardas.)* Ajudem-nos aqui. Rápido! Levem este homem de ambulância. Foi injectado indevidamente com

soluto hibernal. Precisa que lhe administrem o antídoto. (*Os dois guardas transportam Meteco numa maca e saem com ele.*)]

CENA 39

Hémon e Tirésias correm a abrir a cápsula onde se encerrou Antígona.

TIRÉSIAS: Não há sinais vitais. Perdemos Antígona.

HÉMON: Eu não a podia ter deixado sozinha. Ela estava muito sombria.

TIRÉSIAS: Se eu soubesse antes que ela estava tão perto do abismo...

HÉMON: Nunca sabemos o ponto limite de uma pessoa.

TIRÉSIAS: Não aguentou tanta surpresa ruim. Eu devia ter-lhe mentido.

HÉMON: A verdade precisa de muita maquilhagem para podermos olhar para ela sem gelarmos de horror.

TIRÉSIAS: Sinto-me responsável por a termos perdido.

HÉMON: Não és culpado pelo que aconteceu. Esta foi mais uma morte provocada por Creonte.

CENA 40

Entra Ismena.

ISMENA: Mas será a última. Acabaram de chegar os guardas com um novo inquilino para esta sala.

TIRÉSIAS: Creonte foi detido?

ISMENA: Sim, Tirésias, em prisão preventiva. Ainda há justiça em Tebas 9.

HÉMON: Vens recolher assinaturas para a tua candidatura à presidência?

ISMENA: Não é hora de provocações. (*Aproxima-se da cápsula onde está o corpo da irmã.*) Pobre Antígona. Sucumbiu à sua loucura.

TIRÉSIAS: A tua irmã não era louca.

ISMENA: (*Fala para o corpo da irmã.*) Vou sentir muito a tua falta, minha querida. Havemos de fazer-te justiça na morte. Tu mereces um funeral com honras de estado.

TIRÉSIAS: É uma ideia louvável.

HÉMON: Será um belo trunfo mediático para os teus canais de televisão. E vem mesmo a calhar numa altura de pré-campanha.

ISMENA: Não estou agora a pensar nisso.

HÉMON: É claro Ismena. A hora é de choro e de luto. Sentimentos óptimos para comover a indiferença do eleitorado. Nunca Antígona sonhou em vir a ser a tua mandatária póstuma.

ISMENA: Basta Hémon! Ao menos respeita a memória da minha irmã. (*Corre a abraçar-se a Tirésias.*) Que dia tão sinistro, Tirésias. Como é possível continuarmos vivos? Perdi a Ju e a Antígona depois de ver partir os meus dois irmãos. E o meu pai está ali, a flutuar no gelo, como um cadáver de museu. Sinto-me tão só, Tirésias, tão desamparada.

TIRÉSIAS: As nossas solidões fazem companhia umas às outras.

CENA 41

Creonte surge trazido por dois guardas, já vestido com o fato para se submeter à hibernação.

CREONTE: Faltava apenas eu para chorar a falecida.

TIRÉSIAS: Mesmo de algemas nas mãos, continuas a troçar de nós.

HÉMON: Mas é por pouco tempo. Os congelados não conversam.

CREONTE: É isso que me desejas, meu filho? O silêncio do gelo?

HÉMON: Para ti eu não desejo nada. Tu não existes.

CREONTE: Quem não existe são vocês, figurantes do meu devaneio.

TIRÉSIAS: Jogos de palavras não chegam para esconder-te.

ISMENA: (*Para Creonte.*) Foste tu que mataste Antígona há muitos anos atrás.

CREONTE: Foi a tua irmã que escolheu morrer hoje.

ISMENA: Se eu soubesse antes o que fizeste com ela, nunca me teria enrolado contigo.

CREONTE: E teríamos perdido tantas horas de prazer... Vês, Ismena? Nem sempre o saber nos ajuda à felicidade.

ISMENA: És hábil com as palavras, mas vazio de coração.

CREONTE: É verdade o que te digo. Se tu soubesses que eras mutante, descendente de uma cobaia humana, nunca terias demonstrado aptidões de liderança. Ficarias paralisada, com medo de ti mesma.

ISMENA: Julgas que isso me assusta? Sei bem que sou mutante. Foi a Ju que mo disse antes de a matares. Não tenho ainda sintomas patológicos, mas irei assumir publicamente a minha condição. E lutarei para que os mutantes não sejam tratados como gado subumano em Tebas 9.

CREONTE: Se fizeres isso, arruinas a tua campanha. A opinião pública não está preparada para ter um presidente transgénico.

ISMENA: É o que iremos ver. A batalha política mexe sempre com a opinião pública.

CREONTE: Idealista... Estás parecida com Antígona. É o sangue da Esfinge que vos corre nas veias.

HÉMON: Não vale a pena perderes tempo a falar com ele.

TIRÉSIAS: (*Para Creonte.*) Não te pesa nem um pouco a consciência, ao veres Antígona morta?

CREONTE: Laboram todos no mesmo erro. Mas vou ser piedoso convosco. Abro-vos os olhos para contemplarem o vazio. De facto, nenhum de vós existe. Não somos mais que o passatempo

virtual de um engenheiro cibernético, em noites de insónia. Nunca se perguntaram pela razão dos nossos nomes e dos nossos enredos? Somos todos imitações baratas de outra gente antes de nós. Já houve outros Tirésias e outras Antígonas, outras Ismenas e outros Creontes, a viverem farsas e tragédias parecidas com as nossas, noutros cenários e roupagens. A nossa vida não é original. É uma cópia tardia. Fazemos parte de um jogo programado. Antígona morre sempre no fim. Eu preciso que me odeiem para ser Creonte. Tirésias é um sábio indeciso, que muda de sexo como quem muda de peúgas. Hémon e Ismena, lamento dizê-lo, são figuras secundárias. Alguém inventa a nossa vida *online* e diverte-se a jogar à bola com os nossos neurónios. Gostamos de jogos virtuais e desconhecemos que somos o jogo de outros que nos manipulam. Vocês são uns parolos. Levam a sério a ficção que interpretam.

TIRÉSIAS: E tu és tão parolo como nós porque fazes parte do mesmo jogo.

CREONTE: Mas eu tenho noção do que se passa. Por isso sou mais real do que vocês.

HÉMON: Mania das grandezas não te falta.

CREONTE: Reparem bem, Tirésias, Ismena, Hémon... Talvez seja eu quem vos está a inventar neste momento. Talvez eu já esteja a hibernar há muitos séculos, numa nave à deriva no espaço, e vocês são as figuras do sonho que a minha mente fabrica para escapar ao tédio.

Creonte nem deve ser sequer o meu nome próprio. É isso mesmo! Vocês são a minha fantasia cerebral.

ISMENA: Chega, Creonte! Não suporto os teus delírios. São tudo o que te resta. Injectem-lhe já isso para o calar! (*Um dos guardas dá uma injeção no braço de Creonte e este fica inanimado.*)

CENA 42

[*Hémon abre o seu show no Sileno-bar.*]

HÉMON: Bem vindos ao Sileno-bar. O sítio mais *off* de Tebas⁹. O meu *show* de hoje é dedicado a dois amigos mortos. Antes de começar, peço-vos um minuto de ruído pela sua memória. Ambos partiram há pouco. Sem eles, ficámos mais sós. (*Ouve-se um minuto de ruído obtido através de distorções acústicas com instrumentos musicais em sobreposição.*)]

Évora/Lisboa, Agosto de 2007 - Setembro de 2008

